



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E VERNÁCULA – LIV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

O LEXICAL E O SIMBÓLICO NO LIVRO DAS AVES

Maria Madalena da Silva de Oliveira

Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de MESTRE EM LINGÜÍSTICA, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich

Brasília/DF, dezembro de 2005

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Enilde Faulstich (Orientadora)
(Presidente)

Professora Doutora Lúcia Sá Rebello (UFRGS)
(Membro)

Professora Doutora Heloísa Maria Lima de Almeida Salles (LIV)
(Membro)

Professor Doutor René G. Strehler (LET)
(Suplente)

Ao Pai Celestial que me manteve viva para terminar mais esta jornada; aos mentores espirituais que velaram por mim quando a morte quis arrebatá-me e estiveram sempre a meu lado me intuindo e dando-me forças para realizar mais este sonho.

“É impossível, em uma discussão, trazer as coisas reais sobre as quais se discute: no lugar delas, usamos seus nomes enquanto símbolos.” (Aristóteles)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela onipotente presença e sabedoria e paz nas horas em que a fé já se abalara e tudo parecia distante.

Aos meus pais, Margarida e Raimundo, a quem devo a formação moral, a abertura dos caminhos para a espiritualidade e as fundamentais lições de vida, que fizeram de mim a pessoa que hoje sou.

À professora, Doutora Enilde Faulstich, pela generosidade, dedicação e competência com que me orientou e dividiu comigo seus conhecimentos.

À minha irmã Marinita, que herdou do Pai um coração repleto de mansidão, de bondade e de força interior, a quem muito devo, principalmente, o lenitivo das orações.

A meu marido Robson, cúmplice absoluto nas minhas fantasias, exemplo de grandeza humana e espiritual, companheiro amoroso sempre presente nos momentos difíceis.

Aos meus filhos André Vinícius e Arthur Henrique, almas pequeninas, que iluminam e alegam minha vida e ensinam-me que um sorriso, um abraço e um beijo são curas para muitos males.

Às amigas e companheiras Janaína e Jacinta pelo apoio solidário, principalmente nas horas em que tudo pesava demasiado e o espírito ameaçava fraquejar.

A todos, muito obrigada.

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I:	
1. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	12
2. SOBRE A OBRA.....	14
2.1. Os bestiários.....	14
2.2. O Livro das Aves.....	16
3. DISCUSSÃO TEÓRICA.....	21
3.1. Variação.....	21
3.2. Mudanças Lingüísticas.....	28
3.2.1. Regularidades das mudanças.....	29
3.2.2. Condições de mudança.....	31
3.3. Mudanças semânticas.....	33
3.3.1. Causas da mudança semântica.....	37
3.3.2 Valor simbólico.....	39
4. METODOLOGIA.....	43
4.1. Suporte teórico e metodológico.....	43
4.2. Delimitação do <i>corpus</i> : o nome das aves.....	45
4.3. Critério para delimitação dos dados.....	45
4.4. Procedimentos para recolha dos dados.....	47
4.5. Constituição do <i>corpus</i>	47

5. ANÁLISE DE DADOS.....	49
5.1. Procedimentos para análise de dados.....	49
5.2. Sistematização terminológica para análise de dados.....	50
5.3. Acerca da análise semântica dos termos.....	51
5.4. Acerca da análise fonética dos termos.....	52
5.5. Acerca da análise simbólica dos termos.....	52

PARTE II:

FICHAS LEXICOLÓGICAS: ANÁLISE LEXICAL E FONÉTICA DE TERMOS QUE DENOMINAM AVES NO LIVRO DAS AVES.....	54
---	-----------

CONCLUSÕES.....	119
------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
--	------------

RESUMO

Esta pesquisa se insere no âmbito dos trabalhos lexicológicos e terminológicos cujos significados das unidades lexicais, sob análise, estão assentados em discurso de época. A análise centra-se na investigação de dados lexicais utilizados em um registro de língua escrita em português arcaico, possivelmente do final do século XIII e início do século XIV, em pergaminho, intitulado Livro das Aves. Buscou-se descrever itens lexicais nominais sob a luz da teoria da variação em terminologia, de Faulstich (1999), que se insere numa abordagem funcionalista da linguagem ao considerar que o termo, como uma entidade em movimento, pode variar e mudar a forma de acordo com o contexto social de uso, num percurso temporal da língua, seja contemporâneo ou não-contemporâneo. A análise dos termos – nomes de aves – permitirá verificar, nas variedades ibérica e brasileira da língua portuguesa, as alterações fonéticas, morfológicas e semânticas. Por ser o Livro das Aves um texto de cunho doutrinário e apresentar uma visão medieval simbólica das aves, com suas funções e atributos, as aves são analisadas como símbolos de particular eficácia na condução do homem à contemplação da obra de Deus. O simbolismo imanente a cada ave é analisado com o objetivo de fazer ver ao homem que, como centro da criação divina, deve, pela observação da natureza, meditar e alcançar o conhecimento de si próprio e ver-se como centro da obra divina e da própria divindade.

ABSTRACT

This research is inserted into the kind of lexicological and terminological works whose meanings of the analysed lexical units are based on historical discourse. This analysis focuses on the variation of lexical data used in written language register in old Portuguese, of about the late 13th century, and the beginning of the 14th in parchment, called *The Book of Birds*. This study is accomplished under the aspects of the terminology variation theory (Faulstich, 1999). This theory belongs to a language functional approach when considering that the term, as a changing entity, can vary and modify its form according to the social context of use, in a language time course, that is, contemporary or non-contemporary. The analysis of the terms – names of birds – will permit verifying, the morphological, phonetical and semantic changes, in the iberic and brasilian variation of the Portuguese language. The Book of Birds, for being a book of doctrine base and for presenting a medieval symbolic point of view about birds with its functions and attributes, the birds are analysed of peculiar effectiveness in conducting man towards the beholding of word of God, The inherent symbolism of each bird is examined in order to make man understand that, being the core of divine creation its muist meditate and reach the knowledge of himself through the contemplation of nature, and he must also see himself as the centre of the divine doing and of deity itself

INTRODUÇÃO

É fato que a língua sofre transformações para se adequar às necessidades do falante. Nesse processo, os usos a que estão sujeitos os itens lexicais implementam à língua uma dinamicidade que se observa ao analisá-la, considerando dois estágios: a sincronia e a diacronia. Como os estados diacrônicos de uma língua são verificáveis por meio de textos antigos, neste estudo a análise centrar-se-á, fundamentalmente, sobre formas extraídas do Livro das Aves, do séc. XIV.

O Livro das Aves, por apresentar um caráter doutrinário, é concebido, nesta dissertação, como uma linguagem de especialidade. As unidades lexicais entendidas como termos, são signos funcionais, passíveis de variação e mudanças fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas e que, por isso, devem ser analisados considerando o plano sincrônico e diacrônico.

A dissertação está dividida em duas partes: Dentro da Parte I, encontram-se os capítulos 1, 2, 3, 4, e 5; a Parte II contém as fichas lexicológicas, conclusões e as referências bibliográficas.

Assim, o primeiro capítulo estabelece os objetivos e justificativas concernentes ao estudo léxico-terminológico dos lexemas aves, a partir dos quais serão elaboradas as fichas lexicológicas.

No segundo capítulo, o Livro das Aves, fonte de dados desta pesquisa, é apresentado sob uma visão medieval simbólica das aves, caracterizadas como símbolos passíveis de, por meio de uma conduta cristã, estabelecer um rápido caminho entre o homem e Deus.

O terceiro capítulo apresenta a discussão teórica sob a perspectiva da variação em terminologia de Faulstich (1995, 1998a, 1998b e 1999) e da construção e mudança de significado de Ullmann (1964). Finaliza este capítulo a discussão sobre a simbologia mítico-religiosa das aves, sob a perspectiva do divino e do profano, segundo Eliade (1982, 1991).

O quarto capítulo apresenta o suporte teórico e metodológico, com critérios para a recolha e seleção dos dados, como também para a constituição do *corpus*. No quinto capítulo, encontra-se, embasada nas teorias propostas, a análise de dados vista a partir do movimento sincrónico-diacrónico dos termos.

1. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O objetivo desta pesquisa é o de promover um estudo do movimento, de natureza lexical e fonética, na sincronia-diacronia de itens lexicais do Livro das Aves, do século XIV, especialmente do campo lexical aves, por serem elas tomadas como elementos doutrinários e por apresentarem uma relação semântico-simbólica entre seus atributos e as virtudes que um religioso precisa ter.

Por considerar-se que parte do vocabulário do Livro das Aves – e primordialmente a denominação das aves –, pelo caráter doutrinário, constitui-se em linguagem de especialidade, ou terminologia, e por ser a terminologia um fato de língua, pode-se, por meio dos termos analisados, verificar que a língua, mesmo em seu período arcaico, está sujeita a mudanças fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas no seu processo evolutivo. A análise dos termos desse discurso arcaico, presente no Livro das Aves, tem como ponto de partida dois percursos temporais, sincronia e diacronia, e procura verificar se na sincronia há manutenção do significado referencial dos termos e se na diacronia ocorre a reconstituição de quadros conceituais da época, por meio da sistematização de estruturas léxico-terminológicas, e verificar se confirmam ou não no quadro lexical da atualidade.

Nesse sentido, a análise dos termos, aqui empreendida, procura registrar as variações e possíveis mudanças desses termos, assim como a simbologia assumida por cada ave. Para isso, consideraram-se os seguintes passos:

1. localização do termo no texto;
2. verificação de variantes do termo;
3. interpretação do valor semântico do item lexical em latim, no português arcaico e no português atual;

4. análise de possível substituição do termo no contínuo temporal ou manutenção do mesmo;
5. análise de fenômenos fonéticos em latim, no português arcaico e no português atual;
6. interpretação do valor simbólico assumido, no texto, pelo termo;
7. registro da datação da entrada do item lexical para o léxico português.

Para melhor sistematizar a análise dos dados, no capítulo 5, usaram-se fichas lexicológicas, com campos em que se detalham as informações sobre cada uma das aves estudadas.

2.1. Os Bestiários

Durante a Idade Média, os bestiários trouxeram uma interpretação alegórico-simbólica da natureza. Já no século XII, os filósofos referiam-se à necessidade de o homem se descobrir através da natureza e progredir rumo à compreensão da ordem divina. O olhar letrado sobre a natureza fazia-se com base na comunicação entre o homem e a divindade e passava por um caminho que privilegiava a interiorização mística.

Segundo Chambel (2003:4), com base no Physiologus, um texto cristão, os bestiários apresentavam os comportamentos e as características que a tradição letrada da Antiguidade Clássica atribuíra aos animais como símbolos de um mundo concebido enquanto manifestação do Criador ao qual comunicaria as vivências e condutas a serem seguidas pelos cristãos. Os animais assumiam-se como símbolos de particular eficácia, conduzindo o homem para a contemplação da obra de Deus, por via de um processo “revelador” dos princípios da fé cristã e do próprio Demiurgo para os quais remetiam.

No entanto, se o pensamento simbólico dos clérigos tende a influenciar ou a sobrepor-se a uma visão mágica do mundo físico, nunca chegou a anular a presença de uma representação quotidiana e vivencial dos animais, dado esta presença ser própria de uma sociedade rural que se apresentava marcada pelo contacto íntimo dos humanos com os seres que com eles conviviam, acompanhando-os, servindo-os, ameaçando-os ou dando-lhes as matérias-primas

essenciais para a reprodução social humana, afirma Chambel (2003:6). De fato, essa outra realidade apontava para a possibilidade de uma visão do mundo e da natureza bem diferente da transmitida pelos letrados cristãos.

Quando os filósofos do século XII falavam da necessidade de estudar a natureza, referiam-se à necessidade de conhecê-la para o homem nela se descobrir e de, através desse conhecimento, progredir rumo à compreensão da ordem divina e do próprio Deus. No fundo, a observação da natureza processava-se no âmbito de uma fé na unidade da beleza do mundo, mas ao mesmo tempo, de que este fora criado por Deus para fornecer ao homem o lugar central.

A natureza era compreendida como um espelho no qual o homem podia contemplar a imagem de Deus. Seria então através dela que o homem podia comunicar-se com Ele, partindo da observação da sua criação para sobre ela meditar e assim alcançar o conhecimento de si próprio, ou seja, o do centro da obra divina e da própria divindade.

Os textos bíblicos representam a fonte mais determinante para a caracterização da visão medieval do mundo animal, pois foi a partir do simbolismo, das funções e atributos, nesses textos, aplicados aos seres naturais que o valor simbólico foi sendo exposto e difundido nos diversos textos letrados dos eclesiásticos da Idade Média.

O simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem por isso prejudicar seus valores próprios e imediatos. Aplicado a um objeto ou a uma ação, o simbolismo os torna "abertos". O pensamento simbólico faz "explodir" a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em própria existencialidade: tudo permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações. (ELIADE, 1991: 178)

O homem das sociedades arcaicas tomou consciência de si mesmo em um mundo aberto e rico de significados, no qual o signo de um símbolo é justamente revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento . Para o pensamento arcaico, uma tal separação entre o *espiritual* e o *material* não tem sentido, pois os dois planos são complementares.

Relativamente aos bestiários, sua direta circulação e conhecimento deve ter ficado restrito aos clérigos letrados, não obstante terem constituído nos tempos medievais a melhor fonte de informação e de transmissão do comportamento simbólico dos animais. Tendo como obra paradigmática e fundadora o *Physiologus*, os textos incluídos neste grupo procuravam transmitir as verdades da fé a ser seguida pelos crentes, através de um processo alegórico-simbólico que parte da descrição dos costumes atribuídos a determinados animais. Nesse contexto, inclui-se o rol de aves que consta do Livro das Aves.

2.2. O Livro das Aves

Mesmo não sendo um texto bíblico, o Livro das Aves tem caráter doutrinário e representa uma visão medieval do mundo animal, especificamente das aves. Com base nos atributos referentes a cada ave nele descrita, vê-se o valor simbólico que cada ave assume. Assim afirma Rossi et alii (1965:2):

Foi-nos revelado por PEDRO DE AZEVEDO, em 1925, como uma *História Natural das Aves*. Mais tarde dele se ocupou o Padre MÁRIO MARTINS, para quem Tratado Sobrenatural das Aves seria o título que mais lhe conviria. Por

último, retomou-o o Professor SERAFIM DA SILVA NETO, que o batizou como *Livro das Aves*

O Livro das Aves, do século XIV, é uma versão para o português do 1º livro do *De bestiis et aliis rebus*, do pseudo Hugo de S. Victor, de provável autoria de Hugo de Folieto. Encontra-se estruturado em tratados autônomos nos quais se discorre sobre determinada ave, apresentando suas virtudes ou defeitos por meio de uma simbologia correspondente aplicável ao homem, permanecendo desconhecido o responsável pela tradução portuguesa. O manuscrito é oriundo “certamente do desbarato dalgum mosteiro ou casa religiosa ou por causa da extinção das Ordens, em 1834, ou por causa dos atos violentos que se seguiram aos acontecimentos de 1910” (SILVA NETO, 1956:106).

O manuscrito pertencia ao Dr. Jorge de Faria que, após seu depósito na Biblioteca Nacional de Lisboa, foi copiado por Pedro de Azevedo, em 1925 e, posteriormente comprado pelo Professor Serafim da Silva Neto. Foi incorporado à biblioteca particular do filólogo, e foi editado, em 1965, por Jacira Mota, Rosa Virgínia Matos, Vera Sampaio e N. Rossi, sendo esta a edição utilizada para este estudo. Provavelmente escrito a uma só mão, segundo Pedro de Azevedo (apud N.Rossi et alii, 1965: 4), “numa letra classificada como minúsculas do séc. XIV”, compõe-se de dez folhas soltas de pergaminho.

Em 1964, a Universidade de Brasília adquiriu três códices de manuscritos medievais portugueses, entre eles encontrava-se o Livro das Aves, fragmento iluminado, constituído por nove unidades de pergaminho. O fragmento encontra-se em razoável estado de conservação. A escrita é do século XIV e as iluminuras representam cinco aves e o profeta Ezequiel. A leitura do manuscrito permite

constatar que se trata de um bestiário cuja tradição remonta ao *Fisiologus*, texto alexandrino do século II, compilado no século XII por Hugo de São Victor com o título de *De bestiis et aliis rebus*. O exemplar de Brasília parece ser único. Mas, certamente, trata-se de um epígrafe. Silva Neto (1956:37) relata que o fragmento do Livro das Aves é “um dos mais antigos textos literários que se conhecem em língua portuguesa, e de mais a mais acompanhado de iluminuras de maior interesse”

[...códice pergamináceo, escrito dos dois lados e em duas colunas, de 300 x 320mm, em letra minúscula do séc. XIV, ornado com iluminuras a vermelho e azul. Contém o fragmento relativo às aves, da tradução portuguesa de um trabalho sobrenatural acerca das virtudes e dos defeitos dos animais, compilado pelo pseudo Hugo de S. Vítor (provavelmente Hugo de Foliteo) com título de *De bestiis et aliis rebus...*] (SILVA NETO, 1956:104--105)

Da obra que esteve na sua origem, o *De bestiis et aliis rebus*, existem três cópias portuguesas. Duas delas, existentes nas antigas bibliotecas dos mosteiros de Coimbra e do Lorvão, remontam ao século XII, enquanto a que figurava na livraria do cenóbio de Alcobaça foi ali copiada nos finais do século XIII.

De uma forma geral, o Livro das Aves não se apresenta como uma tradução nem integral, nem literal do texto latino *De bestiis et aliis rebus*, portanto é preferível designá-lo como uma “versão” portuguesa dessa mesma obra, dada a presença de digressões, simplificações e acréscimos na interpretação simbólica dos animais que figuram nos tratados.

Dado o estado fragmentado do manuscrito do Livro das Aves, são poucos os sentidos simbólicos das aves que, segundo Rossi et alii (1965:10) se “aproximam

bastante, ou quase literalmente do original”. Afirmam os mesmos autores que “às vezes, o tradutor limita-se a resumir um dos capítulos e compor seu ‘tractado’ baseando-se sobretudo nele, que lhe pareceu certamente o de maior interesse, embora recorra subsidiariamente a passagens de capítulos que desprezou”. É mesmo da responsabilidade do anônimo tradutor, quer a parte referente aos “cascaavees do açor”, quer a digressão feita sobre “San Matheus, Ssã Marcos e Ssã Lucha” (p.10).

No que diz respeito às características das aves de cada um dos tratados, a versão portuguesa do *De bestiis et aliis rebus* aproxima-se muito do original latino, conforme o revela uma comparação com o conteúdo do Livro das Aves, de Folieto, recentemente traduzido por Gonçalves (1999). Neste caso, o autor da versão quatrocentista em língua vulgar apenas procede a uma ou outra supressão, mantendo-se fiel, no essencial, aos textos que documentaram o trabalho de Gonçalves (1999:13), cujas fontes foram, além da “*Bíblia*, partes do *Fisiólogo*, de *Beda*; de *S. Gregório Magno*; de *Santo Isidoro de Sevilha*; de *S. Jerónimo* e de *Rábano Mauro*”

A versão portuguesa da obra atribuída a Hugo de Folieto, em edição preparada por Jacira A. Mota, Rosa Virgínia Matos, Vera Lúcia Sampaio e N. Rossi, consta de introdução, leitura crítica e glossário e começa com a seguinte declaração :

En aqieste livro mais me trabalho eu de prazer aos simplezes e aos rudes ca de dar e d'acrecentar sabença aaqueles que letrados e doctores son e deytar de mĩ aguas de sabença e de grandes entêdimentoos come de vaso cheo,ca diz a Escritura que aquele que ensina o ssabedor per sas paravoas deyta de sy aguas come de vaso que esta cheo. (ROSSI ET ALII, 1065:19)

Observa-se ainda, na mesma obra (p.19), que ela não é dirigida aos “*desvayrados sisos e entêdimentos que os doctores de Theologia poserõ en espoendo as outuridades da Escritura Sancta*”, mas a um grupo ao qual se pretende transmitir modelos comportamentais próprios de um bom cristão, ou seja, conforme se avisa, “*solamente porremos, como dicto he, as propriedades que as aves e algũas outras animalhas am. E assemelha-las-emos aos custumes que os homẽes am*”.

De uma forma bastante sintética, o texto apresenta as características dos comportamentos de diversas aves para delas extrair por via alegórico-simbólica, ensinamentos morais destinados ao aperfeiçoamento espiritual dos cristãos, ensinando-lhes a refutar os bens e os prazeres mundanos, para assim poderem, mais tarde, usufruir as graças do Paraíso celeste.

Por causa do estado fragmentado do manuscrito do Livro das Aves, algumas características e simbologias pertencentes a algumas aves não puderam ser analisadas, especificamente no que se refere às conotações simbólicas. Nos tratados sobre a *cegonha*, o *noytivoo*, a *andorriha*, há prejuízo de análise quanto aos comportamentos atribuídos às aves e respectivas simbologias.

Ao se fazer um estudo diacrônico, na maioria das vezes, chegam às mãos do pesquisador fragmentos da documentação escrita, em mau estado e com esses dados deve se fazer o melhor trabalho.

Assim, a partir dos dados apresentados no Livro das Aves, será feita a análise proposta, procurando avaliar, apesar das dificuldades, uma sincronia dentro da diacronia e verificar como os termos sofrem mudanças fonéticas, morfológicas, semânticas e simbólica.

3. DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1. Variação

A variação lingüística é um fenômeno que atinge toda e qualquer língua e pode-se afirmar que ela é responsável pelas forças que determinam as mudanças lingüísticas. Ao se comparar, por meio da lingüística diacrônica, estados sucessivos de língua, essas mudanças podem ser melhor percebidas. Contudo, na sincronia, por meio da variação diatópica, diastrática e diafásica, é possível detectar mudanças em curso ou tendências de mudança.

Todo o sistema lingüístico está sujeito a variações em seus subsistemas, por vezes em conjunto, por vezes isoladamente. As transformações a que o sistema se sujeita conferem á língua um caráter heterogêneo, embora funcionalmente organizado e em equilíbrio, resultado de constantes reequilíbrios. Jakobson (1964, apud Faraco, 2005:83), ao discutir princípios de fonologia histórica, diz que:

Se uma ruptura do equilíbrio do sistema precede uma certa mudança, e uma supressão do desequilíbrio resulta dessa mudança, não temos nenhuma dificuldade para descobrir a função dessa mudança: sua tarefa é restabelecer o equilíbrio. Todavia, quando uma mudança restabelece o equilíbrio em um ponto do sistema, ela pode romper o equilíbrio em outros pontos e, em conseqüência, provocar a necessidade duma nova mudança. Assim se produz, muitas vezes, toda uma cadeia de mudanças estabilizadoras.

Há sempre forças, muitas vezes contrárias e contraditórias, que atuam no interior dos sistemas lingüísticos e fazem com que a língua mude no tempo. Podem ocorrer mudanças motivadas por fatores externos, como o contato entre povos e por fatores internos, determinados pela própria estrutura da língua, que já contém, nela mesma, o gérmen da mudança. Com o equilíbrio dessas forças, as estruturas lingüísticas podem ser conservadas, ou a língua pode se atualizar, por meio de mudanças oriundas da variação lingüística, e servir de instrumento de comunicação em qualquer tempo e quaisquer circunstâncias.

As realizações concretas, no âmbito discursivo, exercem uma pressão no sentido das mudanças, enquanto o sistema apresenta resistência a elas, estabelecendo-se, desse modo, um jogo de forças antagônicas entre a mutabilidade e a imutabilidade do signo. Mas, mesmo em contínua mudança, as línguas nunca perdem seu caráter sistêmico, elas continuam organizadas e oferecem a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados.

A língua, no seu processo sistêmico, apresenta diferentes normas que são definidas por critérios diastráticos e diatópicos que podem ocorrer no tempo presente e, posteriormente, por meio de estudos lingüísticos, podem ser verificadas no continuum do tempo.

A percepção das mudanças não se dá apenas pelo contraste entre manifestações lingüísticas afastadas entre si no tempo (o que chamamos de mudanças em tempo real). É também possível detectar fenômenos de mudança concentrando nossa atenção no tempo presente (o que chamamos de mudança em tempo aparente). (FARACO, 2005: 21)

Ao se conceber que as línguas não são estáticas e se modificam ao longo do tempo e do espaço, a variação lingüística e as mudanças podem ser melhor percebidas quando se faz o contraste entre língua escrita e língua falada, pois permite a visualização de um campo onde ocorre variação e se detectam mudanças em curso ou futuras mudanças. Por ser a língua escrita mais conservadora que a língua falada, o contraste entre ambas permite, na língua falada, a percepção de fenômenos lingüísticos em expansão ainda não registrados na escrita.

A língua escrita revela-nos um carácter maior de permanência por preservar padrões mais conservadores de linguagem. Dada a sua natureza e, em decorrência do seu papel histórico, está mais resguardada de freqüentes mudanças, ainda que elas terminem por ocorrer. Essa característica conservadora e rígida permite um controle social mais intenso e um conseqüente bloqueio a formas inovadoras e variantes, comuns à língua falada.

A língua oral, constantemente submetida às variações da fala, embora não se possa conceber como mudança qualquer diferença de fala entre gerações ou entre grupos socioeconômicos, é um campo onde a variação é maior e descortina horizontes para futuras mudanças. No Livro das Aves isso pode ser observado, pois, não havendo ainda a normatização ortográfica, a escrita é a representação da realização fonética dos falantes. Mas não é pacífica a aplicação a épocas passadas da língua a análise das mudanças em curso em comunidades de fala atuais.

Uma das grandes limitações da investigação histórica reside na insuficiência dos materiais que do passado foi possível preservar. Esta insuficiência não é apenas quantitativa, mas decorre, sobretudo, do carácter fragmentário do corpus, verificado

também no manuscrito do Livro das Aves. Por outro lado, a verdadeira mudança é sempre mais antiga do que o momento em que ela surge atestada na documentação. E, ainda que se possa dizer que ela se deu num determinado período, raramente se pode determinar, com segurança, qual a distância temporal que medeia entre a cronologia do seu aparecimento nos documentos e o seu verdadeiro advento na língua oral.

Pelo fato de a língua estar em movimento, “ os fenômenos variáveis no sistema interno da língua repercutem de forma sistemática na linguagem” (Faulstich, 1999c : 8). A autora acrescenta que, já que “toda língua se faz representar por linguagens em pleno movimento, no seio das linguagens de especialidade encontram-se variantes restritas ao código e variantes que surgem diretamente do sistema e da norma da língua.” (1998:1).

O que se percebe, ao comparar língua escrita e língua falada, é a existência de um constante processo de transformação e permanência, uma vez que as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua. Não há, portanto, uma língua homogênea, mas um conjunto heterogêneo de mudanças resultantes das experiências históricas, sociais, culturais e econômicas do grupo que a fala.

Em decorrência disso, na história de uma língua, por meio da variação, podem ocorrer mudanças nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico.

O fenômeno da variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da língua, sendo mais perceptível na fonética e no vocabulário. Uma vez que os níveis não se apresentam de maneira estanque, mas superpostos, a variação torna-se um fenômeno mais complexo.

Para examinar esse fenômeno, deve-se considerar três eixos : um social, um geográfico e um histórico, nos quais a língua é passível de variar.

1. *variação diastrática* - correlata aos grupos sociais - (do grego *stratos* = camada, nível) especifica modos de falar que correspondem a códigos de comportamento de determinados grupos sociais. O *socioleto* é uma variedade linguística partilhada por um grupo social que o demarca em relação a outras manifestações, por exemplo, as gírias. O *tecnoleto* (ou linguagem técnica) consiste na utilização de termos que especificam, com rigor, elementos de determinada área do conhecimento.
2. *variação diatópica geolinguística ou dialectal* – correlata aos lugares - (do grego *topos* = lugar) é a variação relacionada a fatores geográficos: pronúncia diferente, diferentes palavras para designar as mesmas realidades ou conceitos, acepções de um termo diferentes de região para região, expressões ou construções frásicas próprias de uma região.
3. *variação diacrônica* – correlata ao tempo - (do grego *dia* + *kronos* = ao longo de, através de + tempo) se relaciona às diversas manifestações de uma língua através dos tempos.

Faulstich (1995:20), ao tratar da terminologia variacionista, estabelece que variantes “são resultantes dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica, faz do termo”. Considera, portanto, que o termo é uma entidade em movimento e que “ nos percursos temporais da língua, o

termo pode variar e mudar forma e conteúdo, seja no plano sincrônico, seja no diacrônico “ (1999d: 4-5).

Há que se considerar ainda, segundo Mollica & Braga (2003), a *variação sincrônica* - (do grego sy'n = simultaneidade) que se refere às variações num mesmo período de tempo e *variação diafásica* (do grego phasis = fala) que se relaciona com a diferente situação de comunicação, com fatores de natureza pragmática e discursiva. Em função do contexto, um falante pode variar o seu registro de língua, adaptando-o às circunstâncias. O idioleto representa uma variação diafásica própria de cada falante ao fazer uso da língua. A seleção de determinadas palavras ou construções fráicas e o valor semântico dado a uma ou outra demonstram a presença da variação.

Para Faulstich (1998:3), “a concepção de variação em terminologia há de considerar que os termos são entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas e funcionam na diversidade da língua.”

Percebe-se, portanto, que as línguas mudam com o tempo e que a variação é um fenômeno característico que antecede as mudanças. A língua está sujeita à ocorrência de formas diferentes, consoante a época, o lugar, o grupo social ou o contexto situacional e essas variações podem ser de natureza fonética, morfológica, sintática, semântica.

Há variação fonética quando existe uma relação de oposição entre dois fonemas ou entre fonemas de duas palavras usadas como variantes num local ou noutro, por falantes distintos, quando a mesma palavra é pronunciada de forma diferente, por exemplo, quando os falantes de uma região pronunciam / bassoura /

por *vassoura*, trocando o fonema /v/ por /b/. Nesta variação, o fonema /b/ está distribuído em relação ao fonema /v/.

A variação morfológica existe quando varia a forma de uma palavra ou o seu gênero ou a sua flexão. Por exemplo, no plural, as palavras *aldeão* e *verão* têm as formas *aldeãos* e *verãos* em flexão a *aldeões* e *verões*. No Livro das aves, ocorre variação morfológica na forma *passer,ris, de* 3ª declinação, documentada no Apendix Probi (nº 163) como *passar*. A forma **passaru*, com étimo em *passar*, provavelmente se fundamenta pela redução das cinco declinações a três e com isso a migração de nomes de 3ª declinação para a 2ª, por serem masculinos.

Há, no Livro das Aves, o registro de *passer* e *pardaes*. *Passaro*, oriundo da forma latina **passaru* < *passar* < *passer*, com o sentido mais genérico e ave de menor valor, enquanto que *pardal*, provavelmente do grego *párdalos* (*pardal*, passarinho malhado), aparece no Livro das Aves com valor distinto:

“Diz no evāgelho o ffilho de Deus que dous pardaes que os dā por hūa meala e (por) cinque pardaes dam por hūū dispondio” (p.45; XVI,15-19).

No português contemporâneo, em *Novo Aurélio* (1999:1277), há registro de “pássaro. [Do lat. Passere, ‘pardal’, atr. do lat. Vulgar passere e *passaru] S.m. 1. Pequena ave. [Sin. (bras.): passarinho]”, com valor mais genérico em relação a “pardal.S.m. Ave passeriforme, da família dos ploceídeos (*Passer domesticus* L.)...” (p.1269), com valor mais específico.

3.2. Mudanças Lingüísticas

Toda língua falada está em constante processo de mudança. Todo estado de língua é resultado de um longo e contínuo processo histórico pois, na sincronia ou na diacronia, as mudanças sempre ocorrem, mesmo que não sejam perceptíveis aos falantes. Isso se deve ao fato de as mudanças serem lentas e graduais; de serem parciais, envolvendo apenas partes do sistema lingüístico e não o seu todo e de sofrerem influência de uma força oposta à preservação do sistema. Faraco (2005: 46) diz que:

Toda mudança é um processo lento e gradual, e não atinge de maneira global o sistema. De uma língua para outra, ou de um estágio de língua para outro, as mudanças vão atingindo partes da língua e não seu conjunto. Essa maneira gradual de mudança se evidencia através de fases intermediárias quando há substituição de uma forma por outra, um processo lingüístico longo. Há uma fase em que as duas formas coexistem como variantes, outra fase em que uma forma tenta sobrepujar a outra, causando o desaparecimento de uma e a prevalência de outra. Pode-se dizer, em lingüística histórica, que a mudança não é discreta, há sempre, no processo histórico, períodos de coexistência e concorrência das formas em variação até a vitória de uma sobre a outra.

A análise dos lexemas que denominam aves visa elucidar o processo lento e gradual da mudança lingüística. Localizar o lexema no Livro das Aves e verificar se há ocorrência de variantes é o primeiro passo dessa análise. Como ao item lexical corresponde um valor semântico, este é verificado tendo como ponto de partida seu valor em latim confrontado com o valor no português arcaico e no português atual. A este valor semântico agrega-se, por ser o Livro das Aves de cunho religioso, o valor

simbólico que cada ave assume pelos seus atributos. A análise fonética de cada item lexical, em latim, no texto e no português contemporâneo, permitirá verificar se há substituição ou manutenção da forma e , com isso, comprovar que há mudança lingüística.

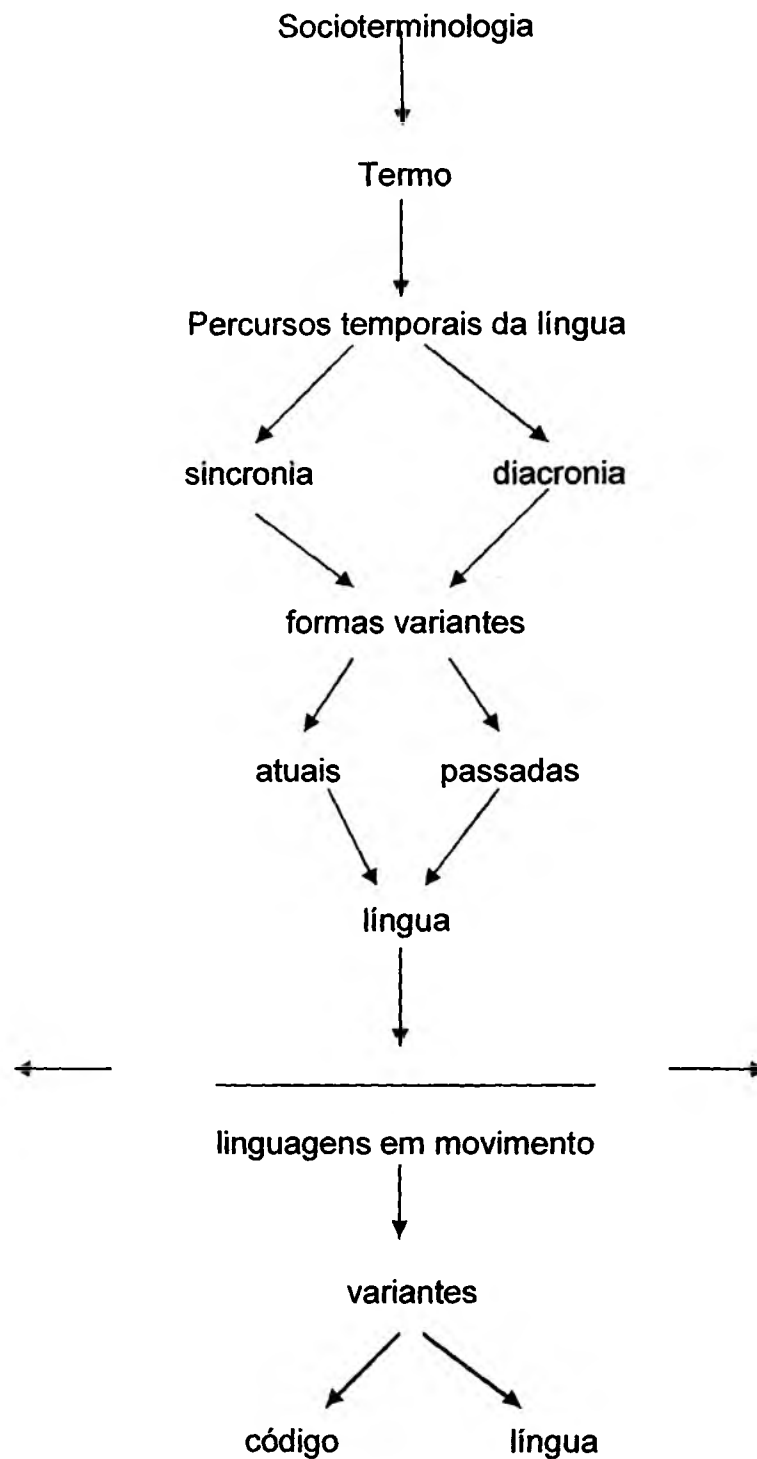
3.2.1. Regularidade das mudanças

Toda mudança lingüística é caracterizada pela regularidade e generalidade. Ela não se dá aleatoriamente e ocorre de forma bastante sistemática, ou seja, dadas as mesmas condições (mesmo contexto lingüístico, mesmo espaço temporal e mesma língua), um elemento é alcançado em todas as suas ocorrências.

As questões da mudança estão também e principalmente correlacionadas com fatores da história da sociedade que fala a língua, como, por exemplo: o intercâmbio entre falantes de variedades diferentes; o prestígio e o poder de certos grupos de falantes; as escolhas sociais preferenciais entre as muitas variedades duma língua; a lealdade a formas tradicionais duma comunidade.(FARACO, 2005:57)

Portanto, é possível inferir que, no trato das mudanças das línguas, sendo elas produto da atividade humana, a língua se submete às contingências e vicissitudes da própria vida concreta dos falantes, da história peculiar de cada grupo e de cada sociedade humana.

Faulstich (1998:64), ao considerar a variação em terminologia, explicita que “nos percursos temporais da língua, o termo é uma entidade do discurso independentemente de sua realização no plano sincrônico e no plano diacrônico.” A autora, através do gráfico seguinte, estabelece relações que nos levam à percepção de que a variação terminológica atua na língua.



A socioterminologia é uma disciplina que abriga o movimento do termo nas linguagens de especialidade. Como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva lingüística social. Faulstich (1998:64) considera os termos “como entidades passíveis de variação e mudança e que as comunicações entre membros

da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito”.

Por ser o Livro das Aves, pelo caráter religioso, uma linguagem de especialidade, os nomes das aves são termos que atuam como entidades do discurso. Independente da sincronia ou da diacronia, podem apresentar, na língua, pelo processo de evolução, variantes antigas e atuais e sofrer mudanças na relação *termo-conceito*, como afirma Faulstich (1998:65).

3.2.2. Condições de Mudança

A história social, política, econômica e cultural da sociedade com a qual a língua está relacionada, determina como ela sofre suas mudanças. Se ocorrem mudanças na estrutura social, o contato mais intenso dos falantes nas relações sociais, poderá permitir, pelo uso de variedades dialetais diferentes, mudanças lingüísticas.

Esse encontro de diferentes variedades lingüísticas (e/ou de línguas diferentes) – fazendo co-ocorrerem contrastivamente formas diferentes de dizer o mesmo – cria condições para a mudança, já que, conjugado a fatores como prestígio e poder social e lealdade lingüística, permite a seleção de formas e a adoção de características de uma variedade (ou de uma língua) por falantes de outra variedade (ou de outra língua) (FARACO, 2005: 66 e 67)

Conclui-se, portanto, que mudanças nas relações sociais põem em contato a heterogeneidade lingüística de um grupo, fazendo emergir a língua como uma realidade essencialmente social que, aliada a fatores econômicos e culturais, cria condições para surgirem as mudanças lingüísticas. São também fatores que

desencadeiam mudanças “o prestígio e o poder de certos grupos de falantes, o intercâmbio entre falante de variedades diferentes, as escolhas sociais preferenciais entre as muitas variedades duma língua, a lealdade a formas tradicionais duma comunidade.” (FARACO,2005:67).

Se tantos fatores podem desencadear mudanças, é preciso verificar em que condições ela será possível. Na história duma língua pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais.

Com relação às mudanças fonético-fonológicas, vê-se que as variações fonéticas, denominadas “leis” por sua regularidade, são de fato tendências verificáveis na análise lingüística dos nomes das aves, no Livro das Aves. Pode-se verificar que em *aquila* > *aguya* já ocorria a sonorização das surdas intervocálicas; em *acceptorem* > *aceter* ocorre a redução de consoantes geminadas - cc - a simples, a assimilação total regressiva do grupo - pt - > - tt – e sua posterior simplificação, a apócope da consoante final; a síncope das consoantes intervocálicas gerando hiato que se desfaz pelo processo fonético da crase ocorre em *palumbam* > *paumba* > *paomba* > *poomba* > *poõba* > *pomba*, onde também se exemplifica a assimilação vocálica regressiva e a nasalização; a palatalização ocorre em *milionem* > *milhano* por estar o / l / seguido de / i / , que forma hiato com a vogal seguinte, sofre o ataque de um iode e se palataliza, resultando o grafema – lh – (li > ly > lh).

Mas, além da variação, há também mudanças na língua. Com a redução das declinações latinas a três, somaram-se à primeira declinação, com tema em –a e nomes na maioria femininos, nomes de outras declinações cujo tema também era – a, normalmente ou neutros no latim, ou abstratos, ou nomes de origem grega

terminados em -a. Assim, na língua arcaica, ocorriam os femininos *a planeta*, *a fantasma*, nomes que, após os séculos XVI e XVII, estabilizaram-se na língua, até os dias atuais, como masculinos.

3.3. Mudanças semânticas

Quando se trata de linguagem, especificamente do ponto de vista semântico, o significado é um dos termos que menos resiste a mudanças. A linguagem, por ser a forma mais importante e mais articulada da expressão simbólica, permite que palavras nomeiem acontecimentos da realidade e seu significado é coisa por ela nomeada – seu referente. Por serem as palavras concebidas como reflexo da realidade em suas relações com as coisas, objetos, idéias que representam, as condições em que são utilizadas acabam por determinar sua alteração de sentido que podem ser condicionadas por circunstâncias históricas, sociais e culturais; situações de uso lingüístico, condicionamentos funcionais da língua, o que pode culminar em alterações de sentido como restrição, extensão, transposição.

A forma latina *stationem*, de *stare*, segundo Santos Saraiva (2000:1125) significa “ação de morar, tempo de morada, pousada, paragem, local de guarnição, posto, acampamento”. Essa palavra tomou, na língua portuguesa, a forma de *estação*, e restringiu o sentido geral a sentidos particulares. *Estação* pode ser estrada de ferro, de ônibus; *estação* pode significar época do ano (primavera, verão); ou *estação* de cura, de férias, de repouso; pode ser *estação* de pesca, de caça; *estação* pode significar um dos 14 passos da via sacra.

A extensão de significação se dá quando uma mesma palavra é aplicada a vários objetos, a várias idéias, por apresentarem analogia de aspecto, de função, de

utilidade. A palavra *chauffer*, em francês, significa a *caldeira* das locomotivas; com o surgimento do automóvel e do motor, que não é *caldeira*, mas tem a mesma utilidade, passou a chamar também *chauffer*. O condutor do automóvel, pela sua proximidade do *chauffer*, tomou-lhe o nome e houve então uma extensão de significado, segundo Bueno (1967:188-189).

A forma *rival*, do latim *rivalis*, significa, segundo Bueno (1968:3551), “ribeirinho, morador da mesma margem ou da margem oposta do mesmo rio. O sentido de adversário, competidor, nasceu justamente da situação dos moradores das margens do mesmo rio, servindo-se das mesmas águas e, portanto, sempre em litígio e disputas.” Houve extensão de significado de *rival* – ribeirinho a rival – competidor.

A palavra latina *hōspitiūm*, *ĩ* significa hospedagem, pousada, estalagem, hospitalidade (dada ou recebida), segundo Santos Saraiva (2000:560). Bueno (1967:188) afirma que em *hospício de alienados* (em Juqueri), a idéia de *alienado* contagiou a de *hospício*, que passou a ser sinônimo de casa de loucos; contagiou depois o nome da própria localidade e hoje, dizer que alguém está no Juqueri é o mesmo que afirmar a sua enfermidade.

Assim como as palavras podem, dependendo das situações, mudar sua forma e sua sintaxe através dos tempos, também o significado pode se modificar em decorrência de uma série de valores sociais e culturais.

O estudo do significado ultrapassa, hoje, na lingüística, os limites da competência gramatical dos falantes, restrita à sentença e seus constituintes, e tenta explicar dados da chamada competência comunicativa, que transcende o plano

gramatical estrito. Esse estudo começa a incluir fenômenos ligados ao uso concreto da língua, em textos falados ou escritos, circunstancial ou contextualmente condicionados. Procura-se, nesses casos, fazer uma distinção clara entre o conhecimento que o falante possui da língua e os conhecimentos que ele tem da realidade extralingüística, do mundo real.

Edward Sapir escreveu que “a língua move-se ao longo do tempo numa corrente que ela própria constrói. Tem um curso... Nada é perfeitamente estático. Todas as palavras, todos os elementos gramaticais, todas as locuções, todos os sons e acentos são configurações que mudam lentamente, moldadas pelo curso invisível e impessoal que é a vida da língua” (apud ULLMAN, 1964:401). No que se refere às mudanças às quais a língua se submete, sabe-se, hoje, que há fatores que favorecem as mudanças semânticas.

Assim:

1. A imprecisão do significado é fonte de mudanças semânticas. Imprecisões como a natureza genérica das palavras, a multiplicidade dos seus aspectos, a falta de familiaridade, a ausência de limites bem definidos contribui para as alterações de uso. Verifica-se, pois, que há uma diferença fundamental entre o significado das palavras e a sua configuração fonética, a sua estrutura morfológica ou o seu uso sintático, que estão muito mais estritamente definidos e delimitados e por isso muito menos sujeitos à mudança. A imprecisão de significados se dá em função do caráter genérico das palavras quando elas designam não entidades singulares, mas classes de coisas, de acontecimentos e os traços distintivos não estão bem delimitados. Nesse sentido, o caráter genérico e abstrato das palavras aumenta muito a

importância do contexto na língua na distinção dos significados. Dependendo do contexto, as nuances dos significados podem ser explicitadas e a palavra pode adquirir uma aura significativa mais concreta.

2. Outro fator que pode conduzir a mudanças de significados é a perda de motivação. Enquanto uma palavra permanece firmemente ligada à sua raiz e a outros membros da mesma família, dentro de certos limites conservará o seu significado. Fatores emotivos podem fazer com que uma palavra adquira motivação semântica. Em “eu sou *presidenciável*”, o adjetivo adquire, em função de uma situação de eleição para presidente do país, um valor semântico motivado de destaque. O valor semântico é desmotivado quando a palavra, antes um neologismo, passa a linguagem comum e não há mais a situação motivadora que gerou tal mudança de significado.
3. A existência da polissemia introduz na língua um elemento maior de flexibilidade. Uma palavra pode adquirir um sentido novo, ou um grande número de sentidos novos, sem perder seu significado original. Algumas dessas inovações são acidentais e de curta duração, outras passarão da fala para a língua e estabilizar-se-ão em alterações permanentes, dando origem a uma das formas de polissemia: mudanças de aplicação, especialização em determinado meio social, expressões figuradas. A palavra *vela*, pelo seu valor polissêmico, é exemplo de grande flexibilidade de significados na língua. Pode significar, de acordo com o contexto: a vela de um navio; a vela de cera ou parafina destinada à iluminação; a pessoa que é sentinela, que observa;

peça que produz ignição nos motores de explosão; antiga unidade de medida de intensidade luminosa.

4. Muitas alterações semânticas surgem em primeira instância em contextos ambíguos em que uma palavra particular pode ser tomada em dois sentidos diferentes enquanto que o significado da expressão no seu conjunto permanece inalterado.

5. O mais importante dos fatores gerais que governam a mudança semântica é talvez a estrutura do vocabulário. O sistema fonológico e gramatical de uma língua é constituído por um número limitado de elementos intimamente organizados. O vocabulário, por outro lado, possui um número infinitamente maior de unidades; é, conseqüentemente, muito mais fluido e móvel, e elementos novos – palavras ou significados – podem ser acrescentados com maior liberdade, enquanto que os já existentes poderão cair em desuso com facilidade. O vocabulário de uma língua é uma estrutura instável em que as palavras individuais podem adquirir e perder significados com a maior facilidade, como afirma Ullman (1964: 401-407).

3.3.1. Causas da mudança semântica

As palavras funcionam na organização do pensamento e no processo de comunicação entre os falantes, pela constante implicatura de contextos, situações sociais, históricas, geográficas. As mudanças de significados podem ser provocadas por diversas causas, entre elas estão:

1. causas lingüísticas - Algumas mudanças semânticas são devidas às associações a que as palavras estão sujeitas na fala. A colocação habitual pode afetar permanentemente o significado dos termos envolvidos, por um processo conhecido como *contágio*, quer dizer, o sentido de uma palavra poder ser transferido para outra, apenas porque ocorrem simultaneamente em muitos contextos.

2. Causas históricas. – Muitas vezes, por a língua ser mais conservadora que a civilização, quer material quer moralmente, muitos objetos, instituições, idéias, conceitos científicos mudam no decurso do tempo; mas, em muitos casos, o nome conserva-se e contribui assim para assegurar um sentido de tradição e continuidade.

3. Causas sociais – Quando uma palavra passa da linguagem comum para uma linguagem de especialidade - a terminologia de um ofício, de uma arte, de uma profissão ou de qualquer outro grupo limitado – tende a adquirir um sentido mais restrito. Inversamente, as palavras que vêm da linguagem de um grupo para o uso comum têm propensão para ampliar o seu significado. Há, assim, a especialização e a generalização, duas tendências socialmente condicionadas, que operam em direções opostas.

A especialização do significado num grupo social restrito é um processo extremamente comum, é uma das principais fontes de polissemia. O processo inverso, a generalização, também muito comum, ocorre quando um certo número de

termos passa da linguagem de especialidade à linguagem comum, alargando enormemente o seu significado.

4. Causas psicológicas – As mudanças de significado têm muitas vezes as suas raízes no estado de espírito da pessoa que fala ou em algum aspecto mais permanente da sua índole mental.

Sob o ponto de vista psicológico, mais interessantes são as mudanças de significado que provêm de algum aspecto ou tendência profunda do espírito da pessoa que fala. Duas dessas causas em particular têm sido fortemente sublinhadas nos estudos semânticos: os fatores emotivos e o tabu, como afirma Ullmann (1964:409-15).

3.4. Valor Simbólico

O ser humano tem sido definido como animal simbólico, pois o que o diferencia do resto dos animais é a sua capacidade de simbolização que começa com a linguagem e culmina com a relação que faz com o mundo e com as coisas. Ser pessoa é simbolizar a existência.

O mundo pode ser representado de forma indireta quando o objeto está ausente e se apresenta ao ser humano em imagem. Uma dessas formas indiretas de representação é o símbolo. Ele é consubstancial ao ser humano, pois constitui uma parte fundamental da sua vida espiritual e é anterior à linguagem e à razão discursiva. “O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento”, afirma Eliade (1991:8).

A palavra *símbolo* provém do verbo grego *symbolleîn* que significa *por em comum, reunir, encontrar-se, juntar-se*. O substantivo *symbolon* significa *conjunção*,

pacto, reunião das partes em que se divide o objeto. O símbolo representa algo que está além do seu significado imediato e do alcance da razão.

Muitas coisas escapam ao entendimento humano e requerem a mediação do símbolo para sua expressão e comunicação. O símbolo se caracteriza por dar um novo valor a uma ação ou a um objeto, convertendo-os em algo aberto que leva à profundidade do real. Nesse sentido, o símbolo remete a experiências, aspirações e níveis profundos da existência humana e da realidade cósmica que não são expressáveis pela razão teórica ou pelo discurso racional, como a vida, a morte, o sofrimento, a alegria, o amor, o medo, a esperança, a fé, etc. Por isso o homem recorre aos grandes símbolos da humanidade presentes nas mais diferentes culturas e religiões – a água, o ar, o fogo, a terra, o céu, o abismo, a árvore, a luz, o sol, o pecado, os animais, as plantas - para expressar suas experiências.

Eliade (1991:177) afirma que “a função do signo de um símbolo é justamente revelar uma realidade total, inacessível aos outros meios de conhecimento”. Imagens, símbolos, mitos não são criações irresponsáveis da mente, respondem a uma necessidade e têm uma função: deixar descobertas as características mais secretas do ser. Isso que dizer que as experiências e aspirações profundas que estão no umbral da consciência vem à tona por meio dos símbolos.

Vê-se que o símbolo constitui uma espécie de ponte que relaciona dois sentidos: o literal e o que remete ao literal. A relação entre ambos os sentidos é profunda e interna. Diferentemente do signo, que remete a algo distinto de si mesmo, o símbolo introduz o ser humano na ordem cultural, religiosa, ritual e cultural, da qual ele mesmo faz parte. Nesse sentido, o significante tem a ver com o significado e, para corroborar essa idéia, Eliade (1991:178) expressa que:

O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na sua perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em própria existencialidade: tudo permanece junto, através de um sistema preciso de correspondências e assimilações.

O símbolo torna presente uma ausência e atualiza algo que não se pode alcançar, que é impossível de perceber ou não é conhecido. O específico do símbolo é ser epifania do mistério, manifestação do incrível. Ele nos abre a transcendência no seio da imanência e nos mostra a presença em meio à ausência.

Através da riqueza e profundidade do símbolo, outros elementos fundamentais se mostram: a variedade e pluralidade de sentidos. O mesmo símbolo não mostra um só significado, mas pode remeter a múltiplos significados. É o caso de muitos símbolos religiosos como a água, o fogo, a luz, etc. O campo simbólico não se restringe aos objetos, amplia com as palavras, os gestos, as pessoas, os animais, o mundo vegetal.

Na obra analisada, o Livro das Aves, a simbologia que cada ave assume faz extrapolar seu valor semântico. Ao relacioná-la, através dos seus atributos, a princípios que um religioso deve seguir, tem-se uma visão mágica transcendente que se projeta sobre o mundo físico dando-lhe um novo valor e fazendo com que os homens tenham uma visão divinizada dessa obra de Deus.

O símbolo não é uma criação individual, precede o indivíduo, nasce no seio de uma coletividade e dela se nutre e nela adquire sentido. O símbolo não deve ser entendido sozinho, deve sempre haver uma relação bidirecional com o ser humano, relação essa que se dá quando o homem mergulha num mundo de símbolos que ele mesmo criou, recria-os e deixa-os abertos a novos sentidos, mostrando sua herança simbólica recebida e a nova simbólica emergente. Por sua vez, o símbolo é revelador do ser humano.

Na relação com o mundo, o símbolo soma um novo valor a um objeto ou a uma ação, convertendo-os em algo aberto, por isso, muitas vezes, a reação do ser humano é de admiração e surpresa.

No Livro das Aves, há toda uma simbologia relacionada às aves que remete a comportamentos e condutas a serem seguidas pelos cristãos. Desde a Antigüidade, a humanidade sempre tem se espantado com os pássaros: têm duas pernas como os homens, mas voam como os deuses. Por isso, os pássaros (como todo ser alado) eram tidos como almas de mortos, encarnação de deuses e um *símbolo de espiritualização* ou *alma*, desde o Antigo Egito. Os pássaros, as aves em geral, ao que parece, sempre foram reconhecidos como colaboradores inteligentes da humanidade e está universalmente disseminado o mito de que são mensageiros de grandes demiurgos.

O estudo feito até aqui será retomado adiante, na Parte II, quando se fizer a descrição dos dados nas fichas lexicológicas. Nos capítulos seguintes, 4 e 5, explicitam-se a metodologia da pesquisa e a análise dos dados, com vistas a fornecer a fundamentação lingüística, teórica, do objeto de análise, que são as denominações de aves.

4 . METODOLOGIA

4.1. Suporte teórico e metodológico

Esta pesquisa se insere no âmbito dos trabalhos lexicológicos e terminológicos cujos significados das unidades lexicais, sob análise, estão assentados em discurso de época. Assim, buscou-se descrever os mecanismos fonéticos, morfológicos e semânticos de variação de itens lexicais nominais, de acordo com o seu uso, conforme documentado no texto usado como fonte de *corpus*. A análise centra-se na variação de dados lexicais utilizados em um registro de língua escrita em português arcaico, possivelmente do final do século XIII, em pergaminho, intitulado Livro das Aves.

O suporte teórico vem de Faulstich (1999c, p.4-5), para quem a variação em terminologia considera o termo como uma entidade em movimento, e prevê que, na análise dos termos do discurso, “nos percursos temporais da língua, o termo pode variar e mudar forma e conteúdo, seja no plano sincrônico, seja no plano diacrônico.”

Os trabalhos de Faulstich, referentes à variação em terminologia, permitem analisar a terminologia no movimento que vai da sincronia para a diacronia e desta para aquela, além de permitir que se estudem sincronias, contemporâneas e não-contemporâneas, concomitantemente.

A autora ressalta o estudo do movimento conceitual, tendo em vista a variação e a mudança passíveis de ocorrer. Em “*Principes formels et fonctionnels de la variation em terminologie*” (1998/1999), Faulstich aponta caminhos para estudar os processos de variação e possíveis mudanças dos termos, na linha do tempo. São

estes os caminhos apontados: a) relação termo-conceito, criado e estabilizado numa diacronia; b) relação termo-conceito em movimento da diacronia para a sincronia, com um resultado diferente na sincronia; c) relação termo-conceito que passou por evolução da diacronia para a sincronia.

Considera-se a teoria da variação em terminologia, do ponto de vista da variação lexical e semântica, embasada no postulado que defende "a aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso (Faulstich, 2003:12). Foram, também, usados, os conceitos de construção e mudança de significado, de Stephen Ullmann (1964).

Como referencial metodológico para o estudo do campo semântico, utilizamos a proposta de Melčuk (1995) de uma lexicologia explicativa e combinatória que concebe campo semântico como o conjunto de lexias que possuem um mesmo componente semântico identificador de campo.

Logo, para os fins dessa pesquisa, foi necessário adotar as seguintes posturas metodológicas;

1. a delimitação do corpus, extraído do Livro das Aves;
2. a determinação dos critérios para a delimitação dos lexemas selecionados, relativos às AVES;
3. descrição de cada lexema de acordo com as características próprias do contexto de uso;
4. descrição de cada lexema e a variação fonética, morfológica e semântica, de acordo com a possível extensão temporal do latim para o português arcaico e deste para o português contemporâneo.

4.2. Delimitação do *corpus* : os nomes das aves

Para a verificação dos aspectos teóricos, constituiu-se um *corpus* de 13 itens lexicais e suas possíveis variantes, relacionado ao campo semântico *aves*. Como fonte do *corpus* desta pesquisa, selecionamos os capítulos de I a XIII, de XVI a XXXV do Livro das Aves. Pelo estado fragmentado do manuscrito, a leitura dos capítulos XIV e XV não foi possível de ser feita. O livro é de cunho doutrinário e apresenta uma relação semântica entre as aves e seus atributos e as virtudes que um religioso precisa possuir. Nesse sentido, as aves tornam-se símbolos de uma realidade mágica a partir das funções e atributos a elas aplicados e passam a representar, na natureza, a possibilidade simbólica da ascensão humana ao divino.

Como documento para análise, usou-se a edição de 1965, feita pelo Instituto Nacional do Livro e Ministério da Educação e Cultura. Esta edição do Livro das Aves é uma reprodução fac-similar do manuscrito do séc. XIV, de propriedade da Biblioteca da Universidade de Brasília - foi preparada por Jacira Andrade Mota, Rosa Virgínia Mattos, Vera Lúcia Sampaio e Nilton Rossi, estudiosos da Língua Portuguesa. O livro contém uma introdução, uma leitura crítica, notas e glossário.

4.3. Critério para a delimitação dos dados

Por ser a obra intitulada Livro das Aves e a cada ave corresponder atributos que são, pelo autor, relacionados à conduta religiosa, a delimitação dos dados deveu-se ao conceito de *campo semântico* e *campo lexical*, de Melčuk (1995: 173 e 176), que assim distingue um do outro:

[... lexicologie se voit obligé de fragmenter la masse lexicale de une langue e de constituer ainsi des regroupements de lexies qui présentent des caractéristiques sémantiques communes plus ou moins ensembles déterminés et limités quant au nombre de leurs éléments. De tels ensembles, suffisamment maniables, qu'on appelle **champs sémantiques**...]

[,, Nos appelons **champ lexical** d'un champ sémantique l'ensemble des vocables don't les lexies de base appartiennent a ce champ sémantique.]

Segundo Melčuk, dentro de uma língua, as lexias que apresentam características semânticas mais ou menos comuns, quanto ao nome e seus elementos, constituem o campo semântico. Já campo lexical de um campo semântico é o conjunto de vocábulos cujas lexias de base pertencem ao campo semântico, ou seja, o conjunto de itens lexicais que se relacionam entre si pelo significado e que cobre área conceitual do campo semântico.

A noção de campo lexical não se distingue, na terminologia mais corrente, da de campo semântico: trata-se, num caso como no outro, da área de significação coberta por uma palavra ou um grupo de palavras.

No Livro das Aves, o campo semântico *aves* é constituído de termos que especificam essas mesmas aves no campo lexical, objeto da análise de dados. Há, portanto, uma superposição plena e total de campo semântico e lexical.

A delimitação dos dados para análise se fundamenta, também, por ser o Livro das Aves um documento em português arcaico com treze aves - a poonba, o açor, a tórtor, o galo, a ema, a grua, o mioto, a andoríha, a cegoonha, o passaro, o noytivoo, o paão e a aguya - como elementos simbólicos dentro da doutrina cristã medieval.

4.4. Procedimentos para a recolha dos dados

Para a recolha dos dados, definiram-se os seguintes procedimentos;

1. recolha de todas as formas com nomes de aves que aparecem nos capítulos I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX, XXX, XXXI, XXXII, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVI.

2. registro das formas em ficha lexicológica;

3. conferência do significado dessas formas, também entendidas como itens lexicais, presentes no Livro das Aves e no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) para:

- i. verificar se há manutenção do conceito do item lexical;
- ii. verificar se houve mudança do conceito do item lexical;
- iii. verificar se há variações conceituais e morfológicas no movimento do item lexical da diacronia para a sincronia e desta para aquela.

Ao associar-se a teoria da variação em terminologia, de Faulstich, aos itens lexicais selecionados, tem-se por objetivo verificar, em estágios sincrônicos e diacrônicos da língua, a variação fonética, morfológica e semântica de cada um dos itens.

4.5. Constituição do *corpus*

Por meio dos critérios expostos, fez-se a recolha de todos os itens lexicais do campo semântico aves, totalizando 13 itens, com as respectivas formas variantes.

Para análise desses itens, considerou-se a teoria da variação em terminologia, de Faulstich (1998/1999), seguindo os critérios:

- I. Localização da forma no texto.
- II. Variantes no texto.
- III. Valor semântico do item lexical em latim, no texto e no português atual.
- IV. Valor simbólico do item lexical.
- V. Ocorrência de substituição ou manutenção da forma.
- VI. Mudanças fonéticas em latim, no texto e no português atual.
- VII. Data da entrada do item lexical para o léxico português.

Por meio dos critérios mencionados, espera-se que seja possível verificar se há manutenção do conceito do item lexical; se houve mudança desse conceito; se há variações conceituais morfológicas e simbólicas no movimento do termo da diacronia para a sincronia e desta para aquela.

Quanto ao valor que as aves assumem no texto, este será relacionado ao valor simbólico, construído social e culturalmente, e atribuído a elas ao longo das civilizações.

Nesse ponto, chama-se atenção para a denominação que se tem dado ao objeto de estudo desta pesquisa. Por ser um estudo lexical de natureza sincrônico-diacrônica, os nomes das aves é referido como *forma* (diacronia), por ser uma estrutura lingüística pura, com radical e flexão; como *item lexical*, por ser uma entidade do léxico passivo ou ativo no latim ou no português; como *termo* por ser parte de um recorte terminológico do léxico e ser entendido, ao lado das outras, como parte de um conjunto que se reconhece como linguagem de especialidade.

5. ANÁLISE DE DADOS

5.1. Procedimentos para a análise de dados

Os itens lexicais do campo semântico “aves” foram analisados sob os aspectos que serviam a nossos propósitos, da teoria da variação em terminologia (Faulstich, 1998/1999), do simbolismo mágico-religioso (Eliade, 1991) e da construção e mudança do significado (Ullmann, 1964) e registrados em fichas que explicitam o seu movimento na linha do tempo.

Por esta pesquisa delimitar como análise o estudo e a descrição de formas vinculadas ao ensinamento religioso, área de especialidade do conhecimento, a Terminologia, como disciplina da Lingüística, favorece o desenvolvimento da pesquisa ao propiciar uma análise terminológica diacrônica e sincrônica dos termos que constituem o *corpus*, sob os aspectos fonéticos, morfológicos, semânticos e simbólicos.

Faulstich (1998/1999), em “*Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie*”, ao propor a relação termo-conceito, criado e estabilizado numa diacronia; ao estabelecer a relação termo-conceito em movimento da diacronia para a sincronia, com um resultado diferente na sincronia; e ao descrever a relação termo-conceito que passou por evolução da diacronia para a sincronia, aponta caminhos para o estudo dos processos de variação e/ou mudança dos termos, na linha do tempo. Este é o caminho a ser seguido nesta pesquisa.

5.2. Sistematização terminológica para análise dos dados

Para a análise dos dados, primeiramente fez-se a recolha dos itens lexicais que compõem o campo semântico *aves* e a localização da forma no texto. Em seguida, procedeu-se à verificação da existência de formas variantes, do ponto de vista da diacronia. Em seguida, passou-se ao registro semântico das formas, considerando este valor em latim, estudos feitos no *Dicionário latino português*, de Ernesto Faria (1985), (doravante EF), e *Dicionário latino português*, de F.R. dos Santos Saraiva (2000), (doravante SS), no português arcaico e no português atual. Este estudo foi feito em dicionários etimológicos e os consultados foram *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (1982), (doravante AGC); *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (1952), (doravante JPM); *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955), (doravante AN); *Dicionário da língua portuguesa – especializado no período medieval e clássico*, de Augusto Magne (1950), (doravante AM).

Para verificar se houve um resultado diferente na sincronia, observou-se a ocorrência de substituição ou manutenção da forma no português atual. Para isso, recorreu-se à obra lexicográfica de língua comum do português do Brasil, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss (2001), (doravante AH) e o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999), (doravante NA).

Tendo optado pelo enfoque diacrônico, vê-se, pela análise dos dados, que a língua não é uma entidade estática, ao contrário, é um mecanismo dinâmico em constante transformação. Precisa, é claro, de equilíbrio para funcionar, mas esse equilíbrio é instável pela própria dinâmica do sistema. A língua se altera no tempo,

mas não por causa do tempo. Fatores extrínsecos como a cultura, o ambiente, a maneira como se fala podem influir na variação da língua.

5.3. Acerca da análise semântica dos termos

Em função de a obra consultada ser de caráter religioso-doutrinário, necessário foi observar a variação semântica dos itens lexicais *aves* atendo-se ao cunho simbólico.

A Antigüidade Clássica, ao conceber o mundo como manifestação do Criador, atribuiu aos animais o caráter de revelar vivências e condutas a serem seguidas pelos cristãos, o que perdurou até a Idade Média com os bestiários.

A leitura do Livro das Aves, século XIV, propicia verificar que as aves ali descritas são representações simbólicas da natureza, possuidoras de funções e atributos sempre relacionados ao comportamento humano e, conseqüentemente, valores que deveriam marcar a conduta religiosa.

Como representações simbólicas, as aves abrem o espírito para o desconhecido e para o infinito e revelam um outro plano de consciência, que não o da evidência racional.

Para analisar a natureza simbólica das aves, foi bastante elucidatório o acesso a obras como *O sagrado e o profano (1954)*, *Imagens e símbolos – ensaio sobre o simbolismo mágico - religioso (1991)*, de Mircea Eliade e o *Dicionário de símbolos (2003)*, de J. Chevalier e A. Gheerbrant.

5.4. Acerca da análise fonética dos termos

Após a análise dos termos em consonância com os critérios anteriormente mencionados, procedeu-se à análise fonética de cada item, por possuir o *corpus* uma escrita fonética e a análise permitir a reconstituição das realizações fonéticas do período em que foi escrito o livro. Para isso foram consideradas as alterações do item em latim, na forma apresentada no texto e suas variantes, e a forma no português atual.

Em princípio observou-se, em Latim, com base nas variantes culta e vulgar, se havia alterações fonéticas do item em análise. Pretendeu-se, com isso, traçar um *continuum* de evolução fonética, explicitando as várias sincronias na linha temporal de evolução dos itens lexicais. Nesse momento da pesquisa, para respaldar as análises feitas, foram consultadas obras de Mattos e Silva (2001a/b), Silva Neto (1979), Williams (1975) e Ali (2001).

Por último, através de estudo já feito em dicionários etimológicos, fez-se a datação da entrada do termo para o léxico português. Nesse momento, utilizou-se, também, o dicionário de língua comum de Houaiss (2001), e os dicionários etimológicos já mencionados.

5.5. Acerca da análise simbólica dos termos

Durante a Idade Média, foi comum a interpretação alegórico-simbólica dos bestiários. No século XII, os filósofos, nas suas doutrinas, buscavam fazer com que o homem se descobrisse através da natureza e progredisse em direção à compreensão da ordenação divina do universo.

O Livro das Aves tem caráter doutrinário e representa uma visão medieval – alegórico-simbólica - do mundo animal, especificamente das aves. Para cada ave nele descrita há atributos, o que as tornam simbólicas com manifestações concretas da vontade doutrinária do clérigo.

O símbolo, como signo concreto, evoca algo ausente ou impossível de ser percebido e mostra-nos, através das coisas visíveis, as significações secretas.

Ao criar sentimentos, unir e ligar as diferentes impressões, o símbolo traz o eterno às manifestações de transitoriedade e estas manifestações se explicam por meio da língua. O símbolo é, portanto, um agente da subconsciência à consciência e tem por fim alertar o homem nas suas ações cotidianas.

Nesse sentido, foi feita a análise da simbologia dos itens lexicais do texto, apoiada no *Dicionário de Símbolos (2003)*, de Chevalier e Gheerbrant e *Imagens e símbolos – ensaio sobre o simbolismo mágico - religioso (1991)*, de Eliade. Não se deve esquecer, porém, da relação que o símbolo estabelece com cada cultura e dos diferentes valores que assume em cada uma.

A análise dos itens lexicais que constituem o *corpus* dessa pesquisa, feita a seguir, é registrada em fichas lexicológicas e terminológicas, o que permite visualizar como os mecanismos de variação e mudança atuam na língua, seja no plano diacrônico, seja no plano sincrônico.

Fichas lexicológicas

Análise lexical e fonética de termos que denominam aves no Livro das Aves

O Livro das Aves registra, ao todo, treze aves: a poonba, o açor, a tôrtor, o galo, a ema, a grua, o mioto, a andorinha, a cegoonha, o passaro, o noytivoo, o paão e a aguya, que são objeto de nossa análise. Essas denominações serão analisadas, a seguir, em fichas lexicológicas que contêm os seguintes campos:

- I. localização da forma no texto,
- II. variantes no texto,
- III. valor semântico em a) no latim, b) no português arcaico e c) no português atual,
- IV. valor simbólico,
- V. ocorrência de substituição ou manutenção da forma,
- VI. mudança fonética em a) no latim, b) no português arcaico, c) no português e d) comentário,
- VII. data da entrada para o léxico português.

FICHA 1: POONBA

I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO

Aparecem, no texto, além da forma canônica *poonba* em I,23-25,28-29, 29-31, as formas variantes *poonbas*, em I,20-22,35-36 e II,2-3, e *poõba*, em II,29-31 e II,34-36, transcritas a seguir.

“E primeiramête falaremos das vertudes das naturezas que as poonbas am.”(I,20-22)

“Em desvayrados logares achey desvayradas propriedades e naturezas que a poonba ha.” (I,23-25)

“A primeira natureza da poonba he que en logo de cantar geme”. (I, 28-29)

“Ca a alma fiel e simplez que se entende pela poonba geme e faz chanto polos pecados...” (I,29-31)

“A terceira propriedade [que as poonbas am he cja se beyjã muyto ameuđi...” (I,35-36)

“A quarta propiedade que as poonbas an he que voã muytas e en cõpanha...” (II, 2-3)

“A decima propriedade he a natureza da poõba que cria dous filhos...” (II,29-31)

“E porêde aquele que ouver aquestes bêês a que assemelhamos as naturezas da poõba pode tomar aas per que voe ao çeo contêplãdo...” (II,34-36)

II. VARIANTES NO TEXTO

Além da forma de maior ocorrência *poonba*, ocorrem as variantes *poonbas* e *poõba*, respectivamente nos versos e linhas I-25,28,30 e I-22, 36; II-2,3; II-30,35.

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

Segundo EF (1985:387), *pălũmbă,ae.* étimo de *poonba*, significava em latim “pomba”. É o feminino de *palumbus,i*, que significa *pombo bravo*. No sentido figurativo ‘pombinho’ significa ‘amante’. Para mais elucidar o valor do item lexical, consultou-se o dicionário etimológico de AGC (1982:621) que registra o termo como “ designação comum a todas as aves columbiformes, da família dos columbídeos”.

b) No texto

Aparece, no texto, com o valor de alma fiel, simples, sem amargura, representando o comportamento de um homem bom e simples. É pacífica e apraz-lhe viver em paz. O fato de não se alimentar de outras aves, como o falcão, faz dela símbolo dos que buscam boa companhia para aprender bons costumes e praticar boas ações, que não falam mal dos outros, que ouvem e guardam sempre as melhores palavras, que não se deleitam nos sabores e prazeres da carne, que têm esperança nas chagas de Cristo e fogem dos

enganos e inimigos pelas Escrituras Santas. Pelo amor a si, a Deus e ao próximo, salvar-se-á.

c) No português atual

Hoje, de acordo com AH (2001), o termo *pomba* é uma “designação comum a várias aves columbiformes da família dos columbídeos, com ampla distribuição no mundo, granívoras, que possuem bico com a base coberta por uma cera, plumagem macia e rica em pó e pés geralmente vermelhos”. Houve ampliação semântica do vocábulo, “nos engenhos de açúcar, recipiente de cobre em que se coloca o caldo limpo da cana” (HOUAISS,2001). Como interjeição, demonstra admiração, espanto, irritação, surpresa”

IV. VALOR SIMBÓLICO

Na simbologia judaico-cristã, a pomba é símbolo de pureza, de simplicidade; no novo testamento representa o Espírito Santo; quando traz o ramo de oliveira a Noé, representa a paz, a harmonia, a esperança, a felicidade recuperada. Como animal alado, simboliza o princípio vital do homem, a alma. Toda a simbologia associada a aves, deve-se á beleza e graça do pássaro, à alvura e à doçura do seu arrulhar.

Ao se observar que o lexema *pomba* traz no texto o significado de “alma fiel e simples”, vê-se que este valor se relaciona ao valor simbólico da ave que é “símbolo de pureza, de simplicidade, o princípio vital do homem – a alma.” Por ter o Livro das Aves um caráter religioso, a *pomba* representa a alma que deve

elevar-se a Deus com a pureza e candura, atributos pertencentes à ave.

V. OCORRÊNCIA DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

O vocábulo *poonba* não desapareceu. Sofreu algumas alterações e passou a ser grafado *pomba*.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) Latim

Já no latim vulgar, com a extinção de algumas declinações, consideraram-se como femininos os substantivos que se flexionavam pela primeira declinação e como masculinos os que se declinassem pela segunda declinação. O item *palumba*, de primeira declinação, é feminino de *palumbus*, cuja origem é *palumbes*, da terceira declinação, que abrangia os nomes cujo gênero não se podia aferir pela terminação.

b) Formas no texto

Ocorre a forma *poonba*, com as variantes *poonbas* e *poõba*. Em *poonbas*, considerando o étimo *palumba*, ocorre síncope do fonema - l - intervocálico; assimilação regressiva de / ũ / a / o /, gerando a forma *paomba*. Ocorre, ainda, a assimilação regressiva de / o / sobre / a /, gerando a forma *poomba*. Tanto < m > como < n > e o til eram marcas de nasalidade, representados pelo arquifonema nasal. O morfema - s, ao final da palavra, é marca de flexão de plural.

Ao considerar a forma *poõba*, ocorre a presença do til como representação

da nasalidade e não mais do / n /. Celso Cunha (1961, apud Mattos e Silva, 2001:70) afirma que, ao final do séc. X, no latim bárbaro, quando certas palavras começavam a ser grafadas, a não presença da consoante implosiva nasal já indicava, na vogal anterior, um traço nasal.

c) Forma atual

A forma atual é POMBA com mudança de grafia.

d) Comentário

Com ênfase no método comparativo diacrônico, a forma *poonba* (feminino de *palumbus,i*, que significa ‘*pombo bravo*’), registrada no Livro das Aves, foi analisada foneticamente para que se pudesse compreender o processo de transformação que deu origem ao termo atual; assim, *pomba*, no léxico português, provém do étimo latino *palumbam*, de primeira declinação, no caso acusativo, por ser este o caso lexicogênico que maior quantidade de vocábulos rendeu ao português. Procede-se, a seguir, às etapas evolutivas da palavra: *palumbam* > *palumba*> *paomba*> *poonba*> *poõba*> *põba*> *pomba*.

P – Oriunda do latim clássico, a oclusiva bilabial surda / p /, como consoante inicial simples, permaneceu no português atual. Em regra geral, na passagem do latim ao português, não sofre modificação. As alterações, que, porventura, se notem, já tinham se operado em latim.

A – Na sua passagem ao português, o / a / não apresenta variação fonética. Proveniente do latim clássico / ã / ou / ā /, gera em latim vulgar um / a / pretônico. Nesse vocábulo, gerará em português, através da assimilação

regressiva total, um fonema / ɔ / .

L - A consoante líquida intervocálica - l - , no processo evolutivo da língua latina ao português, sofre síncope. Processo fonético característico do português, a síncope, porém, não ocorreu, em posição intervocálica, em formas em que ocorriam - ll -, como *collum*, *nullum*, *caballum*. Nessas formas, houve um processo fonético de simplificação das consoantes geminadas. Também, em *meles*, *males* a síncope do - l - não se deu, mesmo em posição intervocálica, justificada por estarem esses nomes em flexão de plural.

U - A vogal tônica passa ao português sofrendo alterações comuns. Oriunda de / ū / latino, gera em português um / ɔ / que, por assimilação regressiva, transforma a vogal da sílaba inicial em / ɔ / .

M - Em posição implosiva, o / m / nasaliza a vogal anterior. No português arcaico, em documentos manuscritos, a representação da nasalidade se fazia por meio ou de til sobre a vogal ou com / n / ou / m / seguindo a vogal.

B - A oclusiva sonora / b / , aqui medial, mantém-se no português. É comum, ao longo da diacronia, sofrer modificações ou desaparecerem. As consoantes mediais sonoras geralmente sofrem síncope.

A - Proveniente de / ā / ou / ã / latinos, o < a > não apresenta variação na grafia.

M - As consoantes finais latinas, regra geral, sofrem apócope. O morfema -m, final do acusativo latino, por ter uma pronúncia débil, desaparece, por apócope, já no latim vulgar. Como consoante final, permanece no português como ressonância nasal em alguns nomes, ou como formador de ditongo fonético, como em 'cantavam' /kãtavãw/)

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

Segundo AH (2001), ocorreram as formas históricas de *poomba*, *paonbas* no sXIII; *põba*, *põõba*, no sXIV e *pombas* no sXV. AGC (1982) registra as formas *poomba*, *paonba*, também no sXIII.

Percebe-se, com a análise deste item lexical e sua datação de entrada para o léxico português, que as alterações fonéticas são processos de variação que culminam em mudança, que se processa lentamente no tempo, o que se comprova com o registro de formas variantes no sXIII e o registro do termo já no sXV.

FICHA 2: AÇOR

I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO

A forma 'açor' aparece no texto em III,4, 5-7, 13-15, 17-21, 21-24; IV, 1-4, 17-21, 29-31; V,15, 16-20; VI,14, 15-17; XI,17-19.

"Aqui sse segue do Açor manso e bravo." (III,4)

"Duas son as maneyras do açor, hũũ he manso e outro he bravo, pero en desvayrados tempos." (III,5-7)

"E depois o seu senhor abre-as e da ao açor os corações delas a comer." (III,13-15)

"Pelo açor bravo que come logo as aves que toma entêdemos o homẽ maaõ que se nõ queda de destruir os bõõs fectos e bõõs cuydos que os homẽs bõõs e simplezes fazẽ e cuydã." (III,17-21)

"Mais polo açor manso entêdemos o prelado bõõ e de boa alma, ca assi como o açor mãso toma aves bravas e mata-as, [assi o homen bõõ] per seu exemplo ou per sa preegaçõ tira os segraes pera serviço de Deus e depois mata-os, ca os faz morrer aos deleytos e aos sabores da carne per muytos tormentos que dã a ssa carne." (III, 21-24; IV,1-4)

"Dissemos aĩda que o que trage o açor manso deyta as tripas das aves que toma con o esterco a lõge pera nõ apodrecer o corpo da ave se en ela ficasse." (IV, 17-21)

"Dissemos aĩda que aquele que toma as aves com o açor mãso trage-as aa

*mesa de seu senhor, ca polo bõo exemplo que o dondo e o obediẽte da de
ssy...” (IV, 29-31)*

“Aqui segue do avessadre do açor” (V, 15)

*“Vessadre põe ao açor de que o legã quando o põe na alcândara. E porque
este vessadre he hũa correya que fazẽ de coyro da animalha [morta]
entẽdemos per el o morteficamento...”(V,16-20)*

“Aqui segue dos cascavees do açor.” (VI, 14)

*“Cascavees põe aynda ao açor pera amedorentar as aves a que o lança, que
as possa mais agiãha tomar.” (VI, 15-17)*

*“...assi como o açor ou o girofalco que an os corpos pequenos e as penas
muytas” (XI, 17-19)*

II. VARIANTES NO TEXTO

Ocorre no texto apenas a forma *açor*. Não há variantes.

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

Oriunda da terceira declinação, a forma *āccēptōr, ōrīs* significa *ave de rapina, gavião*, mas é freqüente, sobretudo, em textos vulgares e no latim tardio. Há registro da forma, também de terceira declinação, *āccīptēr, trīs* no latim clássico, com o mesmo valor semântico. SS (2000:13) registra para a forma o valor de “*açôr, gavião*,

falcão”, e EF (1985:19) registra “ave de rapina, especialmente: falcão, açor”.

b) No texto

Há no texto uma distinção entre *açor manso* e *açor bravo*. *Açor bravo* significa homem mal, que destrói os feitos e pensamentos dos bons.

Açor manso representa o guia espiritual que converte pessoas ao pregar. Significa o bom pregador que traz ao Senhor, convertidas, as almas que andavam longe de Deus e afeitas aos prazeres da carne.

Significa os obedientes a Deus que, pela confissão, deixam longe os pecados. O *açor* representa os que renunciam a uma vida de pecado e de prazer terreno para tornarem-se portadores de uma conduta espiritual exemplar e guiarem os fiéis. O *açor manso*, domesticado, simboliza o monge que cumpre fielmente os princípios da sua ordem e os deveres a ele destinados.

c) No português atual

AH (2001:64) registra como “Ave falconiforme da família dos acipitrídeos, encontrados na Europa, Ásia e América do Norte”. NA (1999: 36) registra para o termo o valor de “Ave de rapina, diurna, semelhante ao gavião e menor que a águia”.

IV. VALOR SIMBÓLICO

Por ser ave falconiforme e os dicionários apresentarem-na com o significado de gavião, falcão, o valor simbólico a ser tratado considerará o falcão, por ser ele

ave treinada para caça, como sugere o texto.

No Egito, por sua força e beleza, que o tornavam o príncipe das aves, o falcão simboliza o princípio celeste.

Na Idade Média, o falcão é às vezes representado despedaçando corpos de lebres; e como as lebres simbolizam a lascívia, segundo algumas interpretações, nesse caso o falcão significaria a vitória sobre a concupiscência. De modo mais geral, é a vitória do princípio másculo, diurno e solar sobre o princípio feminino, noturno e lunar.

O falcão, cujo tipo simbólico é sempre urânico, másculo e diurno, é um símbolo ascensional em todos os planos: físico, intelectual e moral. Ele indica sempre uma vitória, quer adquirida, quer em vias de ser adquirida.

Quando representam-no, encapuzado, o falcão simboliza a esperança na luz, nutrida por quem vive nas trevas; é a imagem dos prisioneiros, do ardor espiritual entravado e da luz debaixo do alqueire, do conhecimento esotérico.

V. OCORRÊNCIA DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

Há manutenção da forma *açor* nos dicionários consultados.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) Em latim

Ocorriam as formas, ambas de terceira declinação, *āccīpītēr*, *trīs*, no latim clássico, e *āccēptōr*, *ōrīs*, no latim vulgar, oriunda, talvez, de influência moçárabe.

b) Forma no texto

No texto, aparece somente a forma “açor”.

c) Forma atual

Mantém-se a forma “açor”.

d) Comentário

EF (1985:19) registra a forma *āccīpītēr, trīs*. “A forma *āccēptōrēm* > *aceto* > *açtor* > *açor*, que se supõe de influência moçárabe, é alternante do latim *accipiter, tris* que parece ser de formação paralela ao adjetivo *okhúpteros* (que voa rapidamente). Há registros, em Lucílio, do latim *āccēptōr* com significado de *ave de rapina, gavião*, mas é freqüente, sobretudo, em textos vulgares e no latim tardio”. Considera-se, para a análise, a forma *āccēptōrēm*. Segundo EF (1955:6), na forma *açor*, o <ç> talvez seja de influência espanhola. Já Martins Sequeira (1943:56) afirma que

O < c > palatal, que como se sabe, era bem distinto do < s > forte, aparece no testamento de D.Afonso II e monumentos coevos figurado por - ci - (precio); noutros documentos, também antigos, escreve-se < z > (servizo, lenzo, Alcobaza, fazam, criazom); posteriormente é significado por - ç - (cedilhado), mesmo, e amiúde, antes de vogal velar (cerrar, çugidade, çumo, çerçar, Badalhouçe, çyma)

Para JPM (1952:61) a forma latina *āccīpītēr* foi modificada por influência externa do verbo *āccīpērē* em *āccēptōrē*. Afirma o autor que “a forma *āccēptōrē* oferece algumas dificuldades e que deve ser considerada, na Hispânia, a forma **accore*, donde o castelhano *astor*, no antigo castelhano *adtor*, pronunciado *açtor*

e *aztore*, depois *astor*. Alega ainda ser natural a influência dos moçárabes, possíveis conhecedores, intermediários e até divulgadores da falcoaria arábica, na evolução de *astor* > *azor* > *açor*".

Para análise, será considerada a forma *āccēptōrēm*, no acusativo, e a evolução seguinte: *acceptorem* > *aceter* > *açtor* > *açor*.

A - O /a/ tônico do latim vulgar, oriundo de /ā/ e /ã/ do latim clássico, resulta em português /a/. Não apresenta variação na grafia nos textos do período arcaico.

CC – As consoantes geminadas reduzem-se a simples, no português, fato que já ocorria no latim vulgar.

E - Há manutenção do /e/ oriundo do /ē/ latino.

PT- No grupo consonantal -pt- acontece uma assimilação total regressiva e, conseqüentemente, por se tornarem duplas as consoantes -tt-, ocorre a simplificação.

O – Oriundo de /ō/ latino, resulta em latim vulgar e, depois, em português /ô/.

R - Com a apócope do fonema final -e, a consoante -r- medial torna-se final.

E – Após a apócope da consoante final, o /e/ átono é debilmente pronunciado e sofre apócope.

M - As consoantes finais latinas, regra geral, sofrem apócope. O -m final do acusativo latino, por ter uma pronúncia débil, desaparece já no latim vulgar.

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

AH (2001:64) data no sXIII a forma *açor*, no sXIII a forma *azor*, no sXIV a forma *açor*.

FICHA 3: TÔRTOR

I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO

Aparece no Livro das Aves a forma *tôrtor* em VII,5,6-7,10-14,19-20; VIII,9-11,23-26,31-33; XIX,4-7.

“Aqui sse segue o tractado da tôrtor” (VII, 5)

“Natura da tôrtor he que se paga d’ãdar per logares soos e apartados.” (VII,6-7)

“E porque pola tôrtor entêdemos aquel que esta en peendença, ca per o rrolar que ela faz entêdemos o gimido que o pecador da polos pecados que fez, e o doo que ende recebe no seu coraçõ.” (VII, 10-14)

“E pe[los] grãos [das sementes que ven as vega]das a [tôr]tor colher...” (VII, 19-20)

“Dizê aynda que a tôrtor faz seu niño en logares muy seguros e de gram prazer, ca o faz nas arvores dos ramos muyto espessos.” (VIII, 9-11)

“E porêde, amigos, demãdemos o niño da tōrtor e demãdemos os ovos que seẽ no niño e o niño que see na arvor, ca devemos poer no livro da cruz toda a esperãça da nossa saude e da nossa salvaçõ.” (VIII, 23-26)

“Disserõ ... [os] sabed[ores que a tōrt]or depois que perde [o companheyro nunca mais pou]sa en ramo verde...” (XIII, 31-33)

“...Nostro Senhor, queyxando-sse do seu poboo de Israel hu diz: a tôrtor e a andoriã e a cegoonha conhoceron o tẽpo de ssa viinda....” (XIX, 4-7)

II. VARIANTES NO TEXTO

Não há variantes

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

Tūrtūr, ūrīs, de terceira declinação, significa rolinha

b) No texto

Tôrtor representa a castidade; a mulher viúva, pelo fato de ela não procurar companheiro após a morte do primeiro companheiro. Representa a solidão, a renúncia. Gosta de viver em lugares ermos, faz seu ninho em árvores frondosas que simboliza a cruz na qual Cristo redimiu os pecadores. Os que a procuram representam os que têm esperança de salvação. Representa, com seu arrulhar, os penitentes .

c) No português atual

No português atual, a forma tôrtor não permaneceu, mas deixou marcas em *turtular, turtulino*. Tem-se, hoje, a palavra *rola* com o mesmo significado apresentado no Livro das Aves.

IV. VALOR SIMBÓLICO

Pássaro mensageiro da renovação cíclica, entre os índios da pradaria. É a rola que leva no bico o galho de salgueiro com folhas, o que aproxima o seu simbolismo do simbolismo da pomba.

Nos hieróglifos egípcios, a rola corresponderia ao homem ágil que gosta da dança e da flauta. Na tradição cristã, é um símbolo de fidelidade conjugal.

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

A forma *tôrtor* não se manteve. Temos a palavra *rola* que é designação comum a várias espécies de aves columbiformes, da família dos columbideos.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) No latim

Tūrtūr, ūrīs, da terceira declinação.

b) No texto

No Livro das Aves ocorre apenas a forma *tôrtor*.

c) No português atual

Não há prevalência da forma *tôrtor* com o valor de rolinha.

d) Comentário

É comum, no processo evolutivo da língua, algumas palavras caírem em desuso ou conviverem com alguma variante. Quanto à *tôrtor*, oriunda da forma latina *tūrtūr*, *ūrīs*, de terceira declinação, o que se observa é a passagem de / ū / latino, por assimilação, a / o / e / ũ / resultando / o / no português arcaico, com a permanência das consoantes, segundo Williams (1975:50).

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

Nos dicionários consultados, não há registro da forma *tôrtor* com o significado de rolinha. Em NA (1999:1693), o item lexical *tôrtor* não é oriundo de *turtur*, mas de *tortore*, com o significado de “cada um dos cadernais que se passavam sujeitando um bordo ao outro, pelo interior do casco, quando havia o risco de este se abrir. AGC (1982:689) traz o registro, no sXV, da forma *rrola*; no século sXIV, da forma *rrolar*, de origem onomatopaica em relação a arrulhar. AH(2001:2469) data no sXV a forma *rollas*; no sXV a forma *rrola* e a1720 *rola*.

Houve, portanto, a perda do vocábulo *tôrtor*, com o significado de rolinha, e a criação de novo item lexical, por meio da onomatopéia, para manutenção do significado.

FICHA 4: GALO

I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO

A forma *galo* aparece em IX,1-2,4,5-7,8-12,12-17,17-20; X, 9-12,33; XI, 3-7;
a forma *galos* aparece em XI,11-12.

“... os santos o galo ao preegador que se move per entendimento pelas preegações que faz.” (XI,1-2)

“E por esto diz a Sancta Escritura en hũũ livro que dizem Job: quẽ deu ao galo entẽdimento?” (IX,4)

“Come se dissesse: as obras que o galo faz, por que son tã certas que nũca sse errã , assi come se fossẽ feytas d’algũa creatura que entẽdimento ouvesse?” (IX, 5-7)

“Ffaz a Escritura demanda [nõ] pera dar a entẽder que o galo aja entẽdimento, mais porque as obras que faz nũca as erra e tã certas sã come se as fizesse algũa creatura que entẽdimento ouvesse.” (IX, 8-12)

“E certa a cousa he que todo esto ha o galo de Deus per cujo entẽdimento obrã totalas creaturas que entẽdimento am e aquelas aĩda que sse nõ movẽ se nõ per sas vertudes naturaes que am, ca todo conhecer e todo mover nõ pode seer sem Deus.” (IX, 12-17)

“E porque as obras do galo que ditas sã, semelhã-sse cõ as obras do preegador, portãto pelo galo entẽdemos o preegador.” (IX17-20)

“E assi como o galo quando quer cãtar sacude as aas e fer-se cõ elas e esperta-sse mais, assi o bõõ preegador ante que preegue primeiramẽte

s'afaz pera viver bẽ e sanctamẽte per bõs costumes e per bõas obras."

(X,9-12)

"...aĩda [dizer que sõ algũũs].....[lavar de seu].....[pelo galo]....."(X,33)

"Aqũestes nõ demonstrã as horas de noyte a sseus sujeytos, assi como faz o galo aaqueles en cuja vila vive, ca nõ acusã os pecados daqueles por cujas almas devẽ dar razõ a Nostro Senhor...." (XI,3-7)

"E portãto peyores sõ que os galos ca os galos fazẽ seu officio cõ verdade e estes cõ infinta e com falsidade." (XI,11-12)

II. VARIANTES NO TEXTO

Há registro da forma canônica *galo* em IX,1,4,5,8-9,13,17-18,19; X, 9,33; XI, 5 e de *galos* em XI,11,12.

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

Gãllũs, ĩ, da segunda declinação, significa galo (ave). Há registro de Gallus como " Galo, sacerdore de Cybeles; de eunuco, castrado; rio da Phrygia cujas águas tornavam furioso quem as bebia." (SANTOS SARAIVA, 2000:517)

b) No texto

No Texto, o *galo* simboliza os pregadores e as pregações que são, por eles, bem feitas. Representa todas as criaturas que, por grande entendimento, possuem virtudes naturais.

No Livro das Aves, os pregadores tornam-se semelhantes ao galo, porque, pela noite, ecoam sua voz aos pecadores. O galo assemelha-se aos que, primeiramente, praticam as boas obras e vivem corretamente para depois pregarem e, através das boas obras, servem de exemplo aos que devem converter.

c) No português atual

Significa galo. Designa as aves galiformes do gênero Gallus, da família dos fasionídeos, de crista vermelha e carnuda e rabo com longas penas coloridas e erguidas em forma de arco.

IV. VALOR SIMBOLICO

O galo é conhecido como emblema da altivez, o que é justificado pela postura do animal. É, universalmente, um símbolo solar, porque seu canto anuncia o nascimento do Sol, afirma Chevalier & Gheerbrant (2003: 457).

A virtude da coragem que os japoneses atribuem ao galo é-lhe, também, atribuída em outros países do oriente, onde o galo tem papel especialmente benéfico. Por anunciar o sol, ele tem poderes contra as influências maléficas da noite. Ele as afasta das casas se os proprietários têm o cuidado de por sua efígie na porta.

No budismo tibetano, o galo é símbolo nefasto. É associado ao porco e à serpente como um dos três venenos. Seu significado é o desejo, o apego, a cobiça, a sede. Na Europa é, ocasionalmente, tomado como símbolo da cólera, explosão de um desejo desmesurado e contrariado.

O galo é também um emblema do Cristo, como a águia e o cordeiro. Mas, nele, a ênfase recai no seu simbolismo solar: luz e ressurreição.

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

A forma *galo* manteve-se no português atual.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) Latim

Não há em latim alteração fonética da forma *Gāllūs*, i.

b) forma no texto

Ocorre no texto a forma *galo* e *galos*. De *gāllūs* > *galo*, houve a simplificação das consoantes duplas /-ll-/ > /-l-/ e a passagem de / ū / a / ô /, por assimilação. Na forma *galos* ocorre o morfema final **-s** como flexão de plural.

c) forma no português atual

Ocorre no português atual a forma *galo* com o significado de *ave*.

d) Comentário

A forma se manteve no português, considerando as seguintes evoluções fonéticas: *gāllūs* > *gallu* > *galo*

Percebe-se que, através da evolução fonética e, conseqüentemente, morfológica, a forma latina *gāllūs* resultou em português na forma *galo*.

G - Na passagem do latim ao português, o / g / inicial, seguido de / a /, / o / ou / u / permanece em português / g /.

A - O / a / tônico latino resulta em / a / no português.

LL- As consoantes intervocálicas longas do latim se simplificam, o que ocorre também com a líquida / ll / que se reduziu a / l /.

U- A postônica latina / ũ / passa ao português como / o /, por assimilação vocálica.

M – A consoante final sofre apócope. (SEQUEIRA, 1943: 33)

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

Entra para o português no século XIII, com a forma *galo*, segundo EF (1982:376)

FICHA 5: EMA**I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO**

A forma *ema* aparece em XI,14,15-17; XII, 3-6.

“Aqui sse começa o tractado da Ema” (XI, 14)

“A *ema* he *hũa* ave que porque ha pena pouca e o corpo grande nõ se pode per voar alçar muyto de terra...” (XI, 15-17)

“E outrossi a *ema* faz senbrante que pode voar pela pena que trage e nõ pode, ca a pena he pouca e o corpo he grande e pesado...” (XII,3-6)

II. VARIANTES NO TEXTO

O texto não registra variantes para a forma *ema*.

III. VALOR SEMÂNTICO**a) Em latim**

A forma latina *strũthiõ*, *õnis* que consta no *De bestiis et aliis rebus* significa avestruz, ave corpulenta. O texto registra a forma *ema* que não consta no dicionário latino.

b) No texto

Por possuir um grande corpo e poucas penas, que não permitem o vôo embora pareça poder voar, ela é comparada aos que se fazem obras pela

vanglória do mundo e não por amor a Deus. As penas simbolizam as obras, portanto raras e mal sedimentadas e não lhes permitem suster no ar. Associa-se também aos que buscam a glória do mundo, produzindo pouco.

c) No português atual

Ave reiforme da família dos réideos (*Rhea americana*), que vive em regiões campestres e cerrados no Paraguai, Bolívia, Argentina, Uruguai e Brasil, com até 170 cm de altura, é a maior e mais pesada ave brasileira, de cabeça e pescoço cinza-pardacentos, partes inferiores brancas, cauda ausente e pés com três dedos. Em português, o termo *Rhēã americana* corresponde à classificação biológica da ave *ema*, comum no Brasil.

IV. VALOR SIMBOLICO

No Egito, a pluma de avestruz era um símbolo de justiça, de equidade, verdade. Os antigos assim pensavam porque as plumas de avestruz são todas do mesmo comprimento. A pluma de avestruz erguia-se sobre a cabeça da deusa Maat, deusa de justiça e de verdade, que presidia à pesagem das almas; servia de peso equilibrador na balança do julgamento. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003: 104)

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

Há manutenção da forma.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) No latim

Não há o que comentar, porque os dicionários latinos não registram o item lexical *ema*. No *De bestiis et aliis rebus* está registrada a forma *strūthiō*, *ōnīs*, de terceira declinação, traduzida para o português como avestruz. (GONÇALVES, 1999: 117).

b) No texto

Não houve mudanças. A forma que se mantém a mesma.

c) No português atual

Mantém-se a forma *ema*.

d) Comentário

Para AH (2001:1113), é de etimologia controversa, “do molucano *emeu*, *eme* ou *samu*, *sam’casuar* (*ave*), ou do árabe *naKama* (*avestruz*)”. Segundo AGC (1982:289) é étimo de origem controversa.

JPC (1977:384) registra que “seria do árabe *na’âmâ*, < avestruz >. Para AM (1950:881), “não está bem esclarecida a origem do vocábulo, embora deva estar em idioma oriental”

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

AGC (1982:289) registra *ema* como ‘ave reiforme, da família dos reídeos. Data do sXVI a forma *hema*, do s.XVI a forma *eyma*, porém de origem controversa.

FICHA 6: GRUA**I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO**

Aparece no texto em XIII,6-10,15-18.

“Disserõ aynda que aquela grua que he cabdel das outras quãdo algũũ perigoo vee b[ra]jada pera sse guardarem as outras daquel perig[o]o e quando enrouquece entra outra en seu logar.” (XII,6-10)

“E assi como quando a grua per que sse as out[tras] guyan enrouquece entra outra en seu l[o]gar, assi o prelado quando he necio e nõ sabe preegar a paravoa de Deus ou per algũa....) (XIII, 15-18)

II. VARIANTES NO TEXTO

No texto, há registro da forma *grua*.

III. VALOR SEMÂNTICO**a) Em latim**

EF (1985:244) cita *grūs*, *grũis* com significado de *grou*. Já SS (2000:536) além de citar o significado *grou*, cita ainda o equivalente “corvo demolidor” .

b) No texto

Aparece o feminino *grua*. Representa aquele que sempre está alerta em defesa dos outros. Representa o guia espiritual, o religioso que está sempre à frente dos fiéis, principalmente, pelos bons costumes e, por isso, deve sempre

pregar as boas obras.

Como a *grua*, enquanto guia seu bando, enrouquece de tanto alertá-lo dos perigos e, por isso, é substituída, assim deve ser o pregador em relação ao que não sabe pregar. Por ser jovem, deve assisti-lo o prelado mais experiente

c) No português atual

AH (2001: 1486) registra a forma *grou* “como designação comum às aves da família dos gruídeos, encontradas em planícies e zonas pantanosas de todo o mundo, com exceção da América do Sul e Antártica; de grande porte, pernas e pescoço longos, cabeça parcialmente nua, bico reto e plumagem com penas brancas, cinzas ou marrons.” Já o NA (1999:870) registra a forma *grou* como “ave pernalta, da família dos cultrirrostrós”. Refere-se, também, à constelação do hemisfério austral, próxima ao Índio e à Fênix. No texto aparece a forma *grua* que, segundo NA (1999: 870), significa “fêmea do grou”.

IV. VALOR SIMBÓLICO

O grou é, no Ocidente, um símbolo comum de tolice e falta de jeito, sem dúvida, em razão do aspecto desajeitado da ave, de pé numa perna só.

A grua lendária do filósofo Leonicus Thomaeus, cuja existência famosa é lembrada por Buffon, já evocava a longevidade, constante no simbolismo do Extremo Oriente, mas, sobretudo, a fidelidade exemplar. Na China, a dança dos grou evocava o poder de voar e, em consequência, de atingir as Ilhas dos Imortais. O grou é símbolo de longevidade, associado à tartaruga e, principalmente, símbolo taoísta da imortalidade. Na Índia, o grou é o símbolo da traição. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003:479)

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

O vocábulo *grua* mantém-se no português com o significado de ave.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) No latim

Grūs, *grūis*, de terceira declinação, deriva da forma *grūūs*, da mesma declinação, por meio do processo fonético da crase. A forma feminina *grua* não é registrada em dicionários latinos.

b) No texto

Há registro da forma “*grua*”, feminino de *grou*.

c) No português atual

Os dicionários de AH (2001) e o NA (1999) registram a forma *grou*, com o feminino *grua*.

d) Comentário

A forma latina *grūs* é oriunda da forma **gruu* > *grou*. De gênero ambíguo em latim, fixou-se como feminino em Portugal. Há no latim vulgar a forma *grou* e, este, de *grūūs*, derivado de *grūs*, *ūis*, com mudança de terceira para a segunda declinação.

GR - Este grupo consonantal inicial, do latim clássico, se mantém em português *gr-*.

Ū – O / ū / latino, na passagem ao português, por assimilação vocálica,

produz / ô /.

Ū – Manteve-se, no português. É oriundo de / ū /.

M _ A consoante final sofre apócope, fenômeno comum na passagem do latim ao português

AH (2001:1486) registra que a forma *grua* se formou a partir do radical **gru-** + **-a**, desinência de feminino.

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

AH (2001: 1486) não registra a data de entrada do vocábulo na língua, mas AGC (1982: 396) refere-se a ela como “ave da família dos cultrirrostris, de pescoço, bico e pernas longos e registra o feminino *grua* com entrada na língua no sXIV.

FICHA 7: MIOTO**I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO**

A forma *mioto* aparece em XVI, 8-12.

“E assim como o mioto nō sse coyta muyto en voar, mais voa pouco e pouco a sabor, assi aquestes luxuriosos que sse entendẽ pelo mioto trabalhan-se d’enganar per paravoas doces e mansas os que achã simplezes e bavecas....” (XVI, 8-12)

II. VARIANTES NO TEXTO

No texto ocorre somente a forma *mioto*.

III. VALOR SEMÂNTICO**a) Em latim**

Segundo EF (1985:340), ocorre a forma *mīlvūs, ī*, paralela a *mīlūūs*, ambas de segunda declinação. Significa milhafre, ave de rapina européia, da família dos falconídeos. SS (2000) registra ainda o valor semântico de “homem ávido, um abutre”, encontrado em Plauto.

b) No texto

Mioto significa os maus pregadores, os que enganam através de palavras doces e mansas. São os que exploram os maus costumes e a credulidade dos fiéis e levam os simples a imitá-los. Representa os luxuosos que se deleitam nos prazeres da carne e vivem à procura do usufruto dos prazeres do mundo e do

corpo.

c) No português atual

Os dicionários contemporâneos não registram a forma *mioto*, mas milhafre, milhano com o significado de ave de rapina.

IV. VALOR SIMBÓLICO

Não há registro de valor simbólico para o item lexical *mioto*. Chevalier & Gheerbrant (2003: 611) registram que, na literatura chinesa, há referências ao milhafre ou milhano, como sendo um pássaro vulgar e falante. No Japão, o milhafre é considerado um pássaro divino e pode ter sido, como no Egito, um símbolo de clã.

Era ave consagrada a Apolo, cujo vôo era rico em presságios. Ave que voa alto, tem visão aguda, é símbolo de clarividência.

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

No português ocorrem as formas *milhafre*, *milhano*, não ocorre a forma *mioto*.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) No latim

Segundo EF (1985:340), paralela à forma *mīlvūs*, *ī*, ocorre a forma *mīlŭūs*.

b) No texto

Ocorre a forma *mioto*, sem alterações fonéticas.

b) No português atual

Os dicionários contemporâneos não registram a forma *mioto*.

d) Comentário

Segundo AH (2001:1922), a palavra tem origem etimológica controversa. AGC (1982:521) alega que “milvio < milvius, i resultou em milhano, milhafre, com um sufixo de difícil explicação. JPM(1977:138) registra a forma como variação de *minhoto*, que deriva de *milhano*, com mudança de terminação. Segundo AN (1955:333), “a base *milione*, com um sufixo arbitrário, deve ser comparada ao castelhano *melión*, espécie de águia, ave de rapina que se alimenta de répteis e, eventualmente, ataca aves no curral. Do latim tardio *mīlīo, ōnīs* > *milhano*”.

M - A consoante inicial manteve-se no português. Há casos em que o fonema / m /, por processo de dissimilação, passa a //.

I - Oriundo de / ī / longo no latim clássico, gera no latim vulgar um / i / e no português um / i /.

L - O // intervocálico, regra geral, sofre síncope. Neste item lexical, por estar seguido de / i /, que forma hiato com a vogal seguinte, sofrerá ataque de um iode, gerando / ly / que se palatalizará e resultará no grafema - lh -.

I - O / ĩ /, por estar seguido de vogal tem valor de semivogal e por estar precedido d consoante - l -, produz a palatalização da consoante, resultando: li > ly > nh.

O - Neste item lexical, o / ō / em contato com o / n / se nasaliza.

N – O fonema / n /, quando em posição intervocálica sofre, normalmente, síncope. Quando a síncope ocorre, há transferência da nasalidade para a vogal anterior.

E – O / e /, após a apócope da consoante final, torna-se átono e desaparece.

M – Acontece a apócope da consoante nasal final.

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÈXICO PORTUGUÊS

Não há registro da forma *mioto*, mas AH (2001:1922) registra a forma *milhano* já no sXV. AN (1955:521) registra a forma “bulhafre no sXIII e bilhafre no sXIV”. Acrescenta que é oriunda “do latim *milius, por miluius, com sufixo arbitrário e de difícil explicação”.

FICHA 8: ANDORIHA

I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO

Está registrada no texto em XVII,1,5-6,7,14-15; XVIII,14-19,26-27; XIX, 4-6, 6-8.

“Aqui sse segue o tractado da Andoríha” (XVII, 1)

“.....E porque o braado da andoríha se.....[br]jado de queyxume d’algũe que vive.....” (XVII, 5-6)

“.....[porende pela] andoríha entêdemos.....” (XVII, 7)

*“Disserõ aynda que a andoríha.....braada muyto, ca o que.....”
XVII,14-15)*

“Disserõ aynda da andoríha que ha conhecimento natural pera fazer seu nĩho en logares firmes [assj].....as casas e nõ en logares que ligeyramẽte possa caer, nẽ en logar muyto alto en que lhi o vẽto ligeyramẽte poderia enpeecer.” (XVIII, 14-19)

“Disserõ aynda da an[dorinha].....he.....ca [nen]hũa outra aves.....” (XVIII,26-27)

“E esto he o que diz o propheta Isayas en pessoa de Nostro Senhor, queyxando-sse do seu poboo de Israel hu diz: a tórtor e a andoríha e a cegoonha conoceron o tẽpo da ssa viinda, e o poboo de Israel nõ conheceu mĩ “ (XIX, 4-6)

“E per esto entêdemos que o que está em verdadeyra peendẽça que sse entẽde pela andoríha que passa o mar...” (XIX,6-8)

II. VARIANTES NO TEXTO

Andorinha em XVII, 1,5,7,14,15; XVIII,13; XIX, 2; andorinha em XVIII,26. A forma canônica é *andorinha*, com a representação de nasalidade marcada pelo til. Em *andorinha*, no lugar do til, reaparece a consoante nasal < n > que, por força de palatalização, forma o grupo -nh- no português.

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

Hirūdō, ĩnis pertence à terceira declinação e tem o significado de andorinha.

c) No texto

Na feitura do ninho, a *andorinha* é exemplo de esperança firme e bem fundada. É exemplo de penitência e firmeza de esforços a partir da fé na Paixão de Cristo.

Representa os que verdadeiramente fazem penitência e não se deleitam nos bens do mundo, mas nos bens do paraíso, que duram para sempre. Ao criar os filhotes com devoção, simboliza o penitente que busca a remissão dos pecados. O vôo migratório representa os que fogem das tentações do mundo em busca da consciência que lhes dá a esperança de alcançar o sossego da glória eterna do Paraíso.

c) No português atual

Designação comum a várias espécies de aves passeriformes da família dos hirundinídeos, insetívoras, encontradas em todo mundo, de pequeno porte, asas longas e pontiagudas, bico curto, largo e chato e pés pequenos.

IV. VALOR SIMBÓLICO

Para Chevalier & Gheerbrant (2003:51), as andorinhas são as mensageiras da primavera. No domínio mítico celta, a andorinha é representada sob o nome de Fand, esposa do deus do mar, Manannan. Apaixonando-se por Cuchulainn, ela o convida a vir ao outro mundo, ele passa um mês junto dela. Depois a deixa e volta para sua mulher, Emer. Fand também retorna, com grande melancolia, para seu marido que foi buscá-la.

A andorinha também aparece ligada a um simbolismo da fecundidade, da alternância e da renovação. Para os banbaras, do Mali, a andorinha é uma auxiliar, uma manifestação do demiurgo Faro, senhor das águas e do verbo, e expressão suprema da pureza, em oposição à terra, originalmente poluída. A andorinha deve seu papel importante ao fato de não pousar jamais no solo; está, portanto, isenta da conspurcação.

A andorinha é o símbolo da renúncia e da boa companhia no Islã. É chamada ave do paraíso. Entre os persas, o gorjeio da andorinha separa os vizinhos e os camaradas. Ela significa solidão, emigração, separação, sem dúvida por causa de sua natureza de ave migradora. Como ave migratória, que chega sempre na primavera, está associada à luz, à fecundidade e à ressurreição. Na

África, é também um símbolo de pureza, pois a andorinha nunca pousa no chão e assim ela não suja os pés.

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

Há, no texto, uma única ocorrência da forma *andorinha* em relação à maior ocorrência da forma *andorinha*. No português atual permanece a forma *andorinha*.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) No latim

A forma *hīrūdō*, *īnīs*, pertence à terceira declinação. Há registro de alterações fonéticas de *hīrūdō* para *harūdō* no latim vulgar.

b) No texto

Andorīha > *andorinha*. Há, na primeira forma, o *til* como sinal de nasalidade e na segunda forma já há o registro da consoante nasal / *n* /.

c) No português atual

Há, nos dicionários contemporâneos, o registro da forma *andorinha*.

d) Comentário

JPM (1977:249) diz que “é palavra de étimo latino. Vem de **harundina*, de *harūndo* por *hīrūdō*, *īnīs* ‘andorinha’ por influência do verbo *andar*”, com o que concorda AGC (1982:46). AH (2001:210) diz-nos que “é forma resultante do latim vulgar *harundo, inis*, por *hirundo, inis*, donde, por metaplasmo e expansão nasal resultou **andorine*, que por mudança de vogal temática gera **andorina*, de onde

procede andorinha; deve ter influência do verbo andar.”

Por ser a literatura omissa quanto a esse item e por não se encontrar dados que permitissem a evolução diacrônica a partir de *hirundo, inis*, criou-se, a partir das informações anteriores, uma seqüência de formas hipotéticas para os fins desta pesquisa.

*HARUNDINAM > *ARUNDINA > *ADUNRINA > *ANDORINA > ANDORINHA

A forma *harundina, segundo JPM (1977:249) vem de *harundo, inis*, do latim vulgar, com acréscimo do sufixo *-īnu* na sua forma feminina, o qual encerra idéia de diminuição, referência, relação. Na forma *adunrina > *andorina, ocorre a hipértese dos fonemas / d / e / r /, a expansão nasal, segundo AH (2001:210), e assimilação regressiva de / u / gerando / o /. Já se percebe, em *andorina, segundo JPM (1977:249), a influência do verbo *andar*. Em *andorina aparece a consoante nasal < n > que, por força de palatalização, forma o grupo -nh- no português. No Livro das Aves, a forma *andoriña* já apresenta o elemento de palatalização - h - antecedido pela representação de nasalidade marcada pelo til.

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

AGC (1982:46) data do sXIV a entrada para o léxico português. Registra a forma *andorã* sXIII, *handarinhos* pl. sXVI.

FICHA 9: CEGOONHA**I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO**

Localiza-se em XIX, 2-6; XX,1;

“E esto he o que diz o propheta Isayas en pessoa de Nostro Senhor, queyxando-sse do seu poboo de Israel hu diz: a tórtor e a andoríha e a cegoonha conhoceron o tẽpo da ssa viinda, e o poboo de Israel nõ conhoceu mĩ “ (XIX, 2-6)

“Aqui sse começa o tractado da Cegonha” (XX, 1)

II. VARIANTES NO TEXTO

O registro *cegoonha* encontra-se em XX,1 e o de *cegooha* em XIX, 2. No português arcaico, ao se duplicar vogais, existia ali uma marca de nasalidade. Isso se comprova em *cegooha*, ao considerar a forma *cegoonha*, já com a presença do fonema nasal / n /.

III. VALOR SEMÂNTICO**a) Em latim**

Cicõniã,ãe, da primeira declinação, tem o valor semântico de cegonha.

b) No texto

Pelo estado fragmentado do texto, não é possível definir que significado possui a ave.

c) No português atual

Cegonha é designação comum às aves ciconiiformes da família dos ciconiídeos, especialmente aquelas do gênero *Ciconia*. Grande ave migratória e pernalta, encontrada na Europa, África e Ásia, de bico e pernas vermelhos e plumagem branca com as asas negras.

IV. VALOR SIMBÓLICO

A cegonha, em geral, é ave de bom agouro. É símbolo da piedade filial, pois se pretende que alimente seu pai velho. Há os que dizem que um simples olhar quando lhe é dirigido tem o poder de causar a concepção. A cegonha é um animal serpentário, isto, é adversário do mal, em consequência disso é símbolo de Cristo.

É o símbolo mais corrente de longevidade. A ela se atribui a faculdade alcançar idades fabulosas.

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

No português, mantém-se a forma cegonha.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS**a) No latim**

Cīcōnīā,āe, da primeira declinação, não apresenta, no texto, alterações fonéticas.

b) No texto

Aparecem as formas *cegoonha* e *cegonha*. Para Mattos e Silva (1984:80), duplicação gráfica da vogal indica a tonicidade da sílaba.

c) No português atual

No português atual permaneceu a forma *cegonha*.

d) Comentário

Considerando as etapas fonéticas de *ciconia* > *cigonia* > *cegonya* > *cegonha*, percebe-se a sonorização de / c /, a passagem da vogal pretônica / i / a / e /, a palatalização da consoante seguida de semivogal, ou seja, / n / + / i /, resultando em -nh, em que a semivogal funde-se à consoante, num só som. (COUTINHO, 1976)

C - A consoante < c >, oclusiva surda inicial, permanece na passagem do latim ao português.

I - Na evolução do vocalismo latino ao português, um / ī / gera um / e /.

C - A consoante oclusiva surda, em posição intervocálica, sonoriza-se na sua homorgânica / g /.

O - O / ō / latino gerará em português um / ô /.

N - O fonema consonantal / n /, pela sua posição intervocálica, regra geral, sofre síncope e nasaliza a vogal anterior. Aqui, neste exemplo, observa-se a consoante < n > seguida de i átono em hiato com a vogal seguinte, determinando o ambiente para a palatalização. Tem-se, ao longo da evolução, ni > ny > nh .

(SILVA NETO, 1979).

I - O iode do latim vulgar influenciou a consoante medial precedente < n > e, por estar seguido de vogal, assumiu valor de semivogal e palataliza o fonema consonantal / n / (ni > ny > nh), resultando no grupo -nh-.

A – Há manutenção de / a /, como elemento único da sílaba, no português.

M – Ocorre a apócope da consoante final, fenômeno comum na passagem do latim ao português.

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

Segundo AH (2001:666), a forma cegonha data do sXIV, como também a forma cegoña, e no sXV cegonha.

FICHA 10: PASSARO**I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO**

A forma *passaro* encontra-se registrada em XXII,27-28; XXII,29-30; XXIII,5-7, 9-14, 21- 22,23-25; XXIV, 20-23, 27-28,28-33; XXV,29-33; XXVI,5-8; XXVII, 25-27, 27-28; XXVIII, 5-10; a forma *passara* está registrada em XXIII, 30-32; XXV,8-10; a forma *pardaes* em XXVI 16-19,19-21; XXVII, 5-6; a forma *passaros* em XXVI, 23-28,28-32, 33-34; XXVII,9-11, 25-27, 27-28,33-35.

*“Se o eu fezer seerey tal come o passaro que he cousa leve e nõ he estavil”
(XXII27-28)*

*“Pelo nome deste passaro que he en si cousa leve e nõ estavil entêdemos a
[a lin]haldade...”(xxii,29-30)*

*“Er podemos dizer en outra guysa que per este passaro entêdemos cada
hũ erege e infiel.” (XXIII, 5-7)*

*“E diz que se algum enpeça en este môte brita a nave, que tãto quer dizer
que entõ voa o passaro acima deste môte quando o erege nega a omildosa
encarnaçom do filho de Deus e nega que Jhesu Christo nõ he Deus e
homẽ.” (XXIII9-14)*

*“Diz o propheta David que o passaro achou casa en que morasse”
(XXIII,21-22)*

*“Este passaro esperitualmente demonstra a rrazõ e o bõ entêdimento do
homẽ que he fundado en vertudes de fe e d’asperãça e de caridade”(XXIII-
23-25)*

“A passara que soya voar de ramo en ramo ag[ora voa ca da] matas pera a

[casa].” (XXIII, 30-32)

“Diz aqui a glosa sobr’este vesso que o passsaro arteyro voa de ramo a ramo en alto, por tal que nõ caya no laço” (XXIV, 20-23)

“Vigiey e [sõo ta]l fecto come o passaro senlheyro na casa” (XXIV, 27-28)

“Entom acha o passaro logar pera ficar na casa de Deus e da sa ffe, quando aquel que primeyramēte era [movediço] e nõ [estavi]l na fe de Deus nõ queda de vigia[r como ou como] nõ [caae o açor] tãto [quer dizer e demostrar] que cada h[ũũ...” (XXIV, 28-33)

“Diz o outor deste livro que he a alma nossa semelhavil aa passara quando nas obras que ela obra quer usar d’eyxemplo d’arteyrice.” (XXV, 8-10)

“E porẽ entõ cae o passa[ro no] laço quando o diaboo ha poderio sobrela alma do homẽ, ou quando os homẽs an prazer no [pra]zer [e no sa]bor [desta vida]...”(XXV,29-33)

“Diz a glosa sobr’reste vesso – Anima nostra et coetera- diz que a alma nossa hora he tal come o passaro ca segũdo como o passaro esquiva o laço quanto pode, bẽ assi a nossa alma e os sanctos fugẽ ao prazer do mũdo que he tal come o laço.” (XXVI, 4-8)

“Diz no evãgelho o ffilho de Deus que dous pardaes que os dã por hũa mealha e (por) cinque pardaes dam por hũũ dipondio.” (XXVI, 16-19)

“Per estes pardaes entendo os homẽs que nõ son estavis e anda vaguejando polo mũdo.” (XXVI19-21)

“Onde entõ son vendudos os passaros polo dipondio e pola mealha, quando os pecadores se vẽdẽ e se sojugam ao diaboo pera seerem atormentados no fogo do inferno perduravil por estas cousas tẽporaes que sse passã e que sse vã agĩha e que son de pequeno valor.” (XXVI, 23-28)

“E pero diz no avâgelho que hũm destes passaros nõ escaesce a Deus, ca verdadeyramẽte a misericórdia daquel que nos remiio sempre está aparelhada pera receber os pecadores pera peendença.”(XXVI,28-32).

“Mais sodes vos e [non aquele].....estes passaros.” (XXVI,33-34).

*“Mais algũs dizẽ que per estes dous pardaes entẽdẽ o corpo e alma.”
(XXVII,5-6)*

“E pelos V pardaes entendẽ os V sisos do corpo que son o veer, o ouvir, o gostar, o cheyrar, o tanger.” (XXVII, 7-9)

“Dous passaros nõ nos dã por hũa mealha?” (XXVII, 9-10)

“O outro passaro avia-o de tĩger do sanguy do passaro sacrificado e deyta-lo a voar livremẽte.”(XXVII,25-27)

“Estes dous passaros son o corpo e a alma do homẽ” (XXVII,27-28)

“Entõ offerece[mos nos a Deus] dous passaros quando lhi damos [e consagramos] os nossos corpos e [as nossas almas. Aque]lo que diz q[ue hũũ passaro].....”(XXVII,33-36)

“Aquele que diz que o outro passaro leyxã ir livremẽte domostra que depois que nos vēcemos as cobiiças maas carnaes entõ a alma nossa voará aos ceos cõ penas de bõa cõtemplaçom.”(XXVIII,5-10)

II. VARIANTES NO TEXTO

A forma de maior ocorrência é *passaro*. Além dela ocorrem as variantes *passara*, *pardaes*, *passaros*. A forma latina *passer*, *eris*, ao mudar da terceira para a segunda declinação, passa a ser registrada *passarus*, *i*. A forma *pássaro* vem de “*passaru*”, do latim vulgar. Em decorrência da forma *passaro*, tem-se o feminino

passara com o acréscimo de –a ao radical * *passar-*, oriundo de *passer-*; o plural *passaros* sofre o acréscimo do morfema –s ao masculino *passaro*. Aparece a forma *pardaes*, no Livro das Aves registrada no plural, provém do grego *párdalos*, ou ‘espécie de pássaro malhado’ ou *pardo* + *al*.

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

Pässēr., *ěřis*, de terceira declinação, significa *pardal*.

b) No texto

Representa o herege e o infiel, a inconstância da mente, os homens errantes e inconstantes.

A alma se assemelha ao pássaro quando usa, nas ações, de astúcia e evita as armadilhas do caminho. Assim é o fiel que se comporta como um pássaro solitário: vigia a si mesmo pela observância e ao próximo pela doutrina. Pela observância, a alma torna-se esperta e evita as armadilhas do caminho. O pássaro demonstra, espiritualmente, a razão e o bom entendimento do homem que se fundamenta em virtudes de fé, de esperança e de caridade.

Assim devem ser os religiosos, renunciando aos desejos carnis e voltando-se para Deus, como um pássaro que faz seu ninho no alto, longe das coisas terrenas, encontrando proteção e refúgio na fé de Deus. A alma deve seguir os passos do pássaro artemista e previdente, fugindo aos laços dos caçadores. O pássaro remete aos bons e justos cristãos.

Já os pequenos pássaros, os pardais de baixo preço, simbolizam os homens que vagueiam pelo mundo, pecadores que se vendem pelo valor dos bens

terrenos.

c) No português atual

Existe a forma *passaro*, sendo mais comum a forma *pardal*. Ave passeriforme, cosmopolita, da família dos passerídeos, originária da região paleártica e da Ásia e introduzida nas Américas.

IV. VALOR SIMBÓLICO

Não há, nos dicionários consultados, nenhum valor simbólico para a forma *pardal*. A forma *pássaro*, no sentido genérico, significa a alma que se liberta do corpo. De modo geral, simboliza os estados espirituais.

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

A palavra *passaro* tem hoje um valor genérico. Não há referência, na ornitologia, da forma *pássaro* com o mesmo valor de *pardal*. Há, nos dicionários, o registro da forma *pardal*.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) No latim

Pässēr, ěrīs, de terceira declinação, dando origem, no latim vulgar, à forma *passaru*, de 2ª declinação.

b) No texto

Ocorrem, no texto, as formas *passaro*, *passaros*, *passara* e *pardaes*

c) No português atual

Há registro de pássaro, em AH (2001:2144) com o valor de “ave pequena, de passarinho e de pardal.

d) Comentário

A forma *pardal* provém do grego *párdalos*, ou ‘espécie de pássaro malhado’ ou *pardo* + *al*. Para AH (2001:2133), a forma *pardal* tem registro no português no sXIV. Para AH (2001: 2144), “a forma pássaro originou-se a partir da forma ‘passaru’, do latim vulgar, oriunda de *pāssēr*., *ērīs*, com mudança de declinação e alargamento de sentido”. AGC (1982:581) registra o vocábulo como de origem obscura.

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

AH (2001:2144) data a entrada de *passaro* no sXIV e a forma *pasaro* também no sXIV.

FICHA 11: NOYTIVOO**I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO**

A forma *Noytivoo* encontra-se em XXVIII,11,12-14.

“Aqui sse segue o tractado da Noytivoo”(XXVIII, 11).

“*Noytivoo he hũa ave que se paga das teebras e da escuridade da noyte*”
(XXVIII,12-14)

II. VARIANTES NO TEXTO

Não há registros de formas variantes.

III. VALOR SEMÂNTICO**a) Em latim**

Nycticōrāx, *ācīs*, de terceira declinação, é uma espécie de coruja, ave noturna.

b) No texto

Não é possível abstrair do texto, pelo mal estado, um valor semântico. Sabe-se, porém, que corresponde a uma ave noturna que vive em casas sem telhado e que não gosta da luz.

c) No português atual

Na ornitologia corresponde ao *bacurau*, uma designação comum. Significa também o que é noctívago, o noctâmbulo. Considerando a etimologia da palavra *nocti* + *volō*, percebe-se que o significado de “o que voa à noite” é apropriado à

palavra *noitibó*.

IV. VALOR SIMBÓLICO

Não foi possível, nas obras consultadas, encontrar valor simbólico que se referisse ao *noitibó*.

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

Mantém-se, no português, a forma *noitibó* relacionada à ave noturna, com sinônimo de *bacurau*. O significado primário de *coruja*, *corvo* desapareceu.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) Em latim

Nycticorax, *cis*

b) No texto

Não houve mudanças fonéticas quanto à forma *noytivoo*, em suas ocorrências.

d) No português atual

Existe a forma *noitibó*, oriunda da evolução de *noctivolo* > *noitibó*

d) Comentário

Considerando a etimologia da palavra *nocti* + *vol*, percebe-se que o significado de “o que voa à noite” é apropriado à palavra *noitibó*.

Isidro Pereira (1998:738) afirma que *nocti* é palavra composta do radical grego *νηχτή* que significa *o que se agita ou se move à noite*. Ao considerar o étimo

latino *nycticorax*, a presença de <y> denota palavra de origem grega, somado ao radical latino *cōrāx*, *ācīs* que significa *corvo*.

Evolui a partir de *noct* (i / o)- + *-volo* > *noitivóo* > *noitibó*, segundo AH (2001:2023)

N - Oriundo do latim clássico, o fonema consonantal nasal /n/, como consoante inicial simples, permaneceu. Em alguns casos, na passagem do latim ao português, a modificação de /n/ em /m/ remonta ao latim vulgar.

O – Na passagem do latim ao português, / ð / gera em português /o /.

CT- O grupo consonantal medial *-ct-* sofre várias transformações. Aqui, nesta palavra, a consoante < c > se vocaliza dando *-it-*. Há situações outras em que o grupo *-ct-* se vocaliza em *-ut-* como em *doctum* > *douto*. Williams (1961:95) acredita que, por influência dialetal, o desenvolvimento de *-oct-* em algumas regiões para *-oit-* e em outras para *-out-*, talvez tenha sido a origem da confusão entre *-ou* e *-oi*, como em *noute* / *noite*.

I - A vogal latina / i / se mantém no português.

VOLO – Antepositivo oriundo do verbo latino *volare*. Há a síncope do fonema consonantal /l/ e, posteriormente, a crase das vogais idênticas. Coutinho (1971:113) diz que a permuta de < v > em < b > justifica-se por ser uma forma vernácula refeita segundo latim.

O resultado será, portanto, *noctivolo* > *noitivoo* > *noitibó*

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

Segundo AH (2001:2023), a forma *noytiuóo* data do sXIV, em 1536 há registro da forma *noctivoo*, a1716 a forma *noitibó*, 1789 a forma *noutibó*.

FICHA 12: PAÃO

I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO

A forma *Paaon* localiza-se em XXIX,1; a forma *paão* em XXIX, 2-3,4-6; XXX,5-12,12-14,14-17, 17-26; XXXI,1-2,6-14,14-18, 31-36; XXXII, 6-9; a forma *paãos* em XXIX, 6-11,11-20,20-24.

“Aqui sse começa o tractado do Paaon”(XXIX, 1)

“O paão, assi como diz Sancto Isidro, leva o nome do sãõ da voz espantosa que da.”(XXIX,2-3)

“Ca paão lhi dizẽ porque faz pavor e espanto aaqueles que o ouvẽ quando nõ estã percebudos e previstos dele.” (XXIX, 4-6)

“Dos paãos diz a Escritura Sancta que os mandava trager rey Salomon da cidade de Tarsis pera a cidade de Jherusalẽ.” (XXIX, 6-9)

“Porende pelos paãos que tragiã de Tarsis a Jherusalẽ entẽdemo os preegadores do avangelho de Jhesu Christo que preegã aos homẽs como sse partã dos gouvhos e dos prazeres do mũdo pera poderẽ viir aa gloria do parayso en que averã paz e lediça e prazer pera todo sempre e sobre todo tempo sã fin e sem termho.” (XXIX, 12-20)

“Dos paãos disseron os sabedores que an as carnes tã duras que nõ podẽ apodrecer tã agiãha come as carnes das outras animalhas que as an moles e adur as pode cozer fogo nõ caentura d'estamago...”(XXIX,20-24)

“Disserõ aĩda que o paão ha o braado muyto espãtpso, ca muyto sse espãtã os pecado[re]js quando o preegador os ameaça cõ as pẽas do iřerno e do purgatorio ou con a justiça de Deus que verrã sobr'eles en este mũdo ou no

outro pelas maldades en que vivẽ e de que sse nõ querẽ partir.”(XXX,5-11)

“Disserõ aynda que o paão anda simplezmẽte, ca nõ mostra nem hũa louçaylha em seu andar.”(XXX,12-14)

“Porende o preegador que se pelo paão entende, assi como dicto he, deve mostrar en todas sas obras omildade.”(XXX14-17)

“Disserõ aĩda que o paão ha cabeça de serpẽte, ca o preegador deve guardar todolos sentidos que Deus pos en seu corpo e o entẽdimento e a voontade pera nõca consentir nem fazer nõ hũa cousa que seja cõtra Deus e cõtra sa alma nõ en dano de nõgũũ, e entõ guardará sempre o sseu estado assi como a serpẽte guarda sempre a ssa cabeça.”(XXX,17-26)

“Disserõ aĩda que o paão ha algũa[s] das penas das aas ja quanto vermelhas.”(XXX26-28)

“Disserõ aĩda que o paão ha coa longa e en cada hũa pena da coa ha muytos olhos.”XXXI,1-2)

“E pelas coores muytas que na coa do paão aparecẽ, entẽdemos muytas e desvayradas vertudes que os preegadores averã naquela vida prestumeyra da gloria do parayso en que viverã pera todo sempre.”(XXXI,9-14)

“Devedes aĩda a etender, vos que ouvides a natureza do paão, que o paão quando o louvã alça a coa e por esso dizẽ os meniños ao paão: faz a rroda, faz a rroda.”(XXXI,14-18)

“E porque quando o paão alça a coa pelo louvor que lhi dizẽ aparece a parte prestumeyra do seu corpo desnuada e descoberta, muy layda e muy torpe e muyto escarnida, assi o preegador quãdo sse alça per vãã gloria pelos lousinhos que lhi disserõ aqueles que o veẽ ou ouvẽ que sse deleytã en tal gloria qual recebeu pelo louvor vãão que os homẽs del disseron, tẽẽ-no por

louco e por vãõ e riin e escarnecẽ dele come d'omen de maaõ recado e de maaõ entẽdimẽto."(XXXI,31-36; XXXII1-7)

"E porende faz mester ao paõõ que traga a coa amerguda pera cobrir com ela a prestumeyra parte de seu corpo que he tã layda e ta torpe."(XXXII, 6-9)

II. VARIANTES NO TEXTO

Ocorrem as variantes *Paaõõ*, *paõõ*, *paõõs*. A forma *paõõ* é a de maior ocorrência, está citada em XXIX, 1,4; XXX,6,11, 15, 18, 26; XXXI, 1,10,15,16,1732; XXXII. A forma com marca de plural *paõõs* está citada em XXIX, 6,13, 20. A forma *Paaõõ* com apenas uma citação localiza-se em XXIX,1.

Na forma *paõõs* vê-se a presença do morfema **-s** como marca de plural, e na forma *paaõõ* a presença do arquifonema / n / como marca de nasalidade.

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

A forma latina *pāvõ*, *õñis*, de terceira declinação, significa pavão.

b) No texto

Pavão representa os pregadores do evangelho que devem mostrar humildade em todas suas obras. Simboliza também os que apelam aos homens o abandono dos prazeres mundanos em busca da glória do Paraíso. À semelhança do seu brado, que assusta, os pregadores assustam os fiéis com os castigos do Inferno e do Purgatório. À semelhança do seu andar discreto e contido, deve o pregador mostrar humildade nas suas pregações. O pregador não deve mostrar orgulho pelo que faz, mas ser humilde.

c) No português atual

Segundo AH (2001:2157), é “designação comum às aves do gênero Pavo e Afropavo, da família dos fasianídeos, encontradas na África e Ásia. Grande ave galiforme (Pavo cristatus), da família dos fasianídeos, nativa da Índia e Sri Lanka, cujos machos são dotados de longas penas caudais, de coloração esverdeada iridescente e grandes manhas redondas, e que se erguem em um leque vertical, como forma de atração às fêmeas”.

Com extensão semântica, temos pavão significando pessoa excessivamente vaidosa, presunçosa.

IV. VALOR SIMBOLICO

Apesar de passar uma imagem de vaidade, o pavão é um símbolo solar, pelo desdobramento da sua cauda em forma de roda. É o emblema da dinastia solar da Birmânia, é um destruidor de serpentes, isto é, das ligações corporais, e também do tempo.

Na Índia, é símbolo da beleza e do poder de transmutação, pois a beleza de sua plumagem é supostamente produzida pela transmutação espontânea dos venenos que ele absorve ao destruir as serpentes. Trata-se, aqui, de um simbolismo da imortalidade.

Na China, ele simboliza a renúncia aos apegos mundanos. É usado, também, para exprimir os votos de paz e de prosperidade. É ainda chamado de alcoviteiro, porque é utilizado como chamariz e porque basta o seu olhar para fazer uma mulher

conceber.

No Vietnã, é um símbolo de paz e de prosperidade. Na tradição cristã, o pavão simboliza também a roda solar e, por esse fato, é um signo de imortalidade, sua cauda evoca o céu estrelado. No Oriente Médio, colocados ao lado da Árvore da Vida, são símbolos da alma incorruptível e da dualidade psíquica do homem.

Chamado de animal dos cem olhos, ele se torna o símbolo da beatitude eterna, da visão face a face de Deus pela alma. É símbolo cósmico para o Islã quando abre a roda e o seu desdobramento simboliza o deslocamento cósmico do Espírito.

Nas tradições esotéricas, o pavão é símbolo da totalidade, na medida em que reúne todas as cores no leque da sua cauda aberta. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003: 692)

V. OCORRÊNCIAS DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

Houve transformações fonéticas a partir do étimo latino *pauonem* (*pavonem* > *pauon* > *paaon* > *paão* > *pavão*). No português atual, há registro da forma *pavão*.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

a) No latim

Há, em latim, o registro da forma *pāvō,ōnīs*, de terceira declinação,

b) No texto

No texto, há registro das formas *paaon*, *paão*, *paãos*.

c) No português atual

Os dicionários comuns registram a forma *pavão*

d) Comentário

Considerando a evolução de *pavonem* > *pavon* > *paaon* > *paão* > *pavão*, observa-se que a consoante final sofre apócope; pela atonicidade, a vogal em posição final passa pelo mesmo processo fonético. Em consequência disso, há a nasalização da vogal anterior em função do fonema nasal / n /. Há a síncope de / v / e a assimilação vocálica do / õ / sobre / a /, mantém-se a nasalização. A forma final *pavão* explica-se pela relatinização ao retomar o fonema consonantal / v / e presença do ditongo [ãũ] nasal, oriundo da terminação latina *-one*, pela síncope do -n- intervocálico.

P - Oriunda do latim clássico, a oclusiva bilabial surda p-, como consoante inicial simples, permanece no português. Em regra geral, a passagem desse fonema do latim ao português não sofre modificações. (BUENO, 1967:147)

A - Na passagem ao português, o / a / não apresenta variação na grafia. Proveniente do latim clássico, / ã / resultará no latim vulgar e em português num / a / pretônico.

U - O / u / intervocálico do latim clássico resultará em português um / v /, que sofrerá síncope. No latim, / u / quando seguido de vogal e nela se apoiando fonicamente, representava a semiconsoante / v / que, com o passar do tempo, passa a corresponder ao fonema consonântico / v /.

O - O / õ / latino resultará /o/ em português. Na evolução da palavra *pauonem*, será assimilado pelo / a / inicial, de onde surgem os difonemas -aa- na forma *paaon* > *paão*. Por serem fonemas idênticos, a nasalidade de um se transfere

ao

outro. Numa etapa seguinte, os fonemas idênticos sofrem crase.

N – Segundo Williams (1975:81), o / n / intervocálico, no curso do século X, nasalizou a vogal precedente e sofreu síncope.

E – Após a apócope do fonema consonantal final / m /, o / e / final, com pronúncia débil, sofre apócope.

M – As consoantes finais latinas, regra geral, sofrem apócope. O / m / final do acusativo, por ter uma pronúncia débil, desaparece, por apócope, já no latim vulgar.

Na terminação *-one*, por ser a vogal da sílaba anterior um / a / tônico, a síncope do fonema consonantal nasal intervocálico / n / resultará na seqüência **a-o**, a ressonância nasal permaneceu e essa combinação vocálica se tornou, depois, no ditongo nasal **-ão**. (MATTOS E SILVA, 1989: 137)

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

AH (2001: 2157) registra que é palavra de etimologia latina, com a forma *paaos* no sXIII, *paaon* e *pããos* no s.XIV, *pãa* e *pauoões* no s.XV, e *pavão* no s.XVI.

FICHA 13: AGUYA**I. LOCALIZAÇÃO DA FORMA NO TEXTO**

A forma ' aguya' aparece no texto em XXXII, 16,17-18; XXXIII,1-2, 6-8; XXXV, 24-25, 33-35,35-36; XXXVI 20-22, 28-30.

“Aqui sse segue o tractado da Aguya.”(XXXII, 16)

“Da aguya disseron os sabedores que ha a vista muy clara...” (XXXII, 17-18)

“E disserõ ainda que a aguya para os olhos dos seus filhos cõtra os rayos do sol...” (XXXIII,1-2)

“E porẽde os sanctos pela aguya, que clara vista ha e de tã lõgo espaço do aar per que anda voando...” (XXXIII,6-8)

“A San Johãne evãgelista pos semelhãça d'aguya...” (XXXV, 24-25)

“Ca a aguya a que o semelhou Ezechiel o propheta voa mais alti e vee de mais lõge...” (XXXV, 33-35)

“E assy como a aguya dece do aar en que anda voando muyto alti...” (XXXV, 35-36)

“Disserõ aïda da aguya que depois que envelhece encurtava-xi-lhi o bico...”(XXXVI,20-22)

“Pela aguya entêdemos o homẽ bõõ e de grande entêdimento, assy como dicto he...”(XXXVI, 28-30)

II. VARIANTES NO TEXTO

Ocorre no texto apenas a forma *aguya*. Não há variantes.

III. VALOR SEMÂNTICO

a) Em latim

Em EF (1985:56), “*ăquīlă*, no sentido próprio, significa ‘águia’ (ave); no sentido militar significa “insígnia da legião romana; o que leva a ‘águia’ (insígnia)”. Em SS (2000:95), *ăquīlă*, significa “águia; graduação ou posto do primeiro centurião da legião; diz-se dos velhos mais inclinados a beber que comer.”

b) No texto

No Livro das Aves (1965), *aguya* significa Cristo; a inteligência dos santos; assemelha-se aos santos pela boa visão que possui e fala das coisas celestiais que estão longe da visão do homem; representa o homem bom e de grande entendimento, o justo, os patriarcas. Ao renegar o filhote que não encarava a luz solar e sublimar-se na cria do restante, a águia compara-se à escolha dos verdadeiros cristãos.

d) No português atual

No NA (1999: 68), águia é “denominação restrita às aves de rapina da ordem dos falconiformes, notáveis pelo seu tamanho e vigor....” Como alargamento semântico, traz “pessoa de grande talento e perspicácia, notável; no sentido pejorativo “espertalhão, velhaco, tratante”. Tanto AH (2001:126), como Borba (2002:48) e Moura Neves (2003:50) registram os mesmos valores semânticos, o

que confirma a expansão semântica do termo.

IV. VALOR SIMBÓLICO

A águia é a senhora dos pássaros; é o símbolo do domínio e do poder. Representa os estados espirituais superiores e de transcendência. Por ser o único animal que fixa diretamente o sol, sem queimar-se, é símbolo da percepção direta da luz intelectual. Associada a S. João e seu evangelho, é símbolo da contemplação. Associada a Cristo, representa, ao mesmo tempo, sua ascensão e realeza.

Pode-se perceber que, por ser a águia simbolização de estágios superiores de espiritualidade, no Livro das Aves relaciona-se aos santos, aos justos e bons. Pela sua capacidade de vôo e de fixar diretamente o sol sem queimar-se, representa os que falam das coisas celestiais e assemelha-se ao Cristo.

V. OCORRÊNCIA DE SUBSTITUIÇÃO OU MANUTENÇÃO DA FORMA

Observou-se, por meio de consulta a dicionários etimológicos e comuns, que a forma antes grafada *aguya* encontra-se, hoje, com a grafia *águia*.

VI. MUDANÇAS FONÉTICAS

e) Em Latim

O item lexical *aquila*, de primeira declinação, é registrado em dicionários de língua latina com a mesma grafia, não há alterações fonéticas.

b) Forma no texto

Há registro, no texto, apenas da forma *aguya*. Percebe-se, já, o registro de

/ y / em lugar de semivogal moderna / i /. Segundo Silva Neto (1979:197), pela síncope do / i / intervocálico gerou-se um hiato, que “é eliminado pelo fechamento progressivo de uma das vogais, que acaba por transformar-se em semivogal”. Como semivogal, é representada por / y /, com o que concorda Ali (2001:36).

c) Forma atual

Os dicionários registram a forma *águia*.

d) Comentário

Para configurar a evolução fonética, o item lexical latino *aquila* será tomado como referência. Na análise, será considerada a seqüência AQUILA > AQUIA > AGUYA > ÁGUIA

A - O / a / tônico do latim vulgar, oriundo de / ã / e / ã / do latim clássico, resulta, em português, /a/. Não apresenta variação na grafia nos textos do período arcaico.

QU - O grupo latino *qu*, precedido de vogal e seguido de / i /, resulta, no português, / g / ou / gu /. Neste caso, resultou em **gu**, por meio de um processo de sonorização, por estar intervocálico, conforme Williams (1975:98). I – A postônica / i / manteve-se no português. No português arcaico, o / i / era grafado como **y** e **j**. Segundo Ali (2001: 36), grande era a confusão que se fazia com o emprego das letras *i, j* e *y*. O autor afirma que:

Em sílabas átonas, e em geral nos casos onde ao *i* pronunciado rapidamente se seguia outra vogal, como em *speriencia*, observa-se de preferência o emprego de *i*”. Onde, pelo contrário, a voz de demorava, ou

podia demorar-se, escrevia-se com mais freqüência y.

Quanto ao y, o uso atinha-se mais aos ditongos. Especialmente no item analisado, era grafada como y, na representação da semivogal. A partir do Renascimento, a letra j passa a ser usada nos textos para substituir a semivogal i.

L - A consoante líquida intervocálica - l - apresentava-se com pronúncia palatalizada quando ocorria diante de / i /. No item *ãquillã*, na sílaba em questão, encontra-se como velar em ambiente intervocálico e sofre síncope.

A - A vogal final / a / manteve-se no português.

M - Há a apócope da consoante final.

VII. DATA DA ENTRADA PARA O LÉXICO PORTUGUÊS

Tanto AGC (1982:23) quanto AH (2001:126) defendem que a entrada da forma *aguya* para o léxico deu-se no século XIII. AH registra, ainda, a forma *aguea* no sXV.

Quanto ao registro de *aguya* e *aguea*, a variação entre / y / e / e /, segundo Mattos e Silva (2001: 68), se deve ao fato de :

Os escribas, sem uma norma ortográfica bem definida e explicitada – o que só começa a estabelecer-se na 2ª metade do século XVI – demonstram nesses casos a sua vacilação na representação gráfica, não só pela assimetria da tradição escrita como também pela dificuldade, certamente, de dar conta de uma realidade fônica variável.

A realidade fônica no período arcaico não era ainda bem definida. O objetivo a que visavam os copistas era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão mais exata da língua falada. Não havia um padrão uniforme na transcrição das palavras e, por não haver um padrão na escrita, as variações ocorriam com freqüência.

CONCLUSÃO

O objetivo desta dissertação foi o de realizar um estudo lingüístico acerca da denominação das aves, vinculadas ao ensino religioso, no Livro das Aves, sob a concepção da teoria da variação em terminologia e da mudança do significado, por meio da simbologia que essas aves carregam.

As formas *poonba*, *açor*, *tôrtor*, *galo*, *ema*, *grua*, *mioto*, *andorinha*, *cegoonha*, *passaro*, *noytivoo*, *paão* e *aguya*, pertencentes ao campo semântico *aves*, foram analisadas, segundo os critérios que delimitaram a pesquisa entre a sincronia e a diacronia na língua funcional. Os resultados da análise mostraram que essas formas sofreram alterações lexicais, fonéticas e morfológicas e, além da representação semântica, no texto, adquiriram valores simbólicos.

Assim, tem-se que:

1) A forma *poonba*, com étimo em *pălumbă*, resultou, no português atual *pomba*, pelos processos fonéticos de síncope, crase, assimilação e sonorização. A representação semântica como alma fiel, simples, é atualizada no valor simbólico de pureza, de simplicidade.

2) O *açor*, oriundo da forma latina *accēptōr*, através de apócope, assimilação e simplificação, mantém-se no português atual, embora os termos 'gavião', 'falcão' sejam mais usuais. A representação semântica, no texto, é de 'bom pregador', 'conversor de almas', 'o que renuncia a uma vida de pecados', e a representação simbólica remete à vitória sobre a concupiscência.

3) A forma *tôrtor*, de *tūrtūr*, não permaneceu no português atual, porém o significado 'rola' se manteve. A forma *rola* surgiu do barulho característico da ave (arrulhar) por processo onomatopaico. Representa a castidade, a solidão, a renúncia. Traz o valor simbólico de mensageira da renovação cíclica e da fidelidade conjugal.

4) De *Gällūs*, forma latina, resultou *galo*, no texto arcaico, através de simplificação e assimilação; no português atual, manteve forma e conteúdo. No texto, significa os pregadores, enquanto, universalmente, é um símbolo solar e representa o Cristo.

5) *Ema* aparece no texto arcaico, mantém-se no português atual, mas não tem origem latina. É de origem obscura, talvez do molucano *emeu*, *eme*. Há, em latim, o registro da forma *strūthiō*, com valor de 'avestruz'. No texto, *ema* possui o valor semântico 'aqueles que fazem obras pela vanglória do mundo e não por amor a Deus'. No Egito, a pluma de avestruz é um símbolo de justiça, de eqüidade, de verdade.

6) A forma *grua* (do radical *gru-* + *a*), feminino de *grou*, cuja origem está em *grūs*), significa *grua*. Está registrada no Livro das Aves com o significado de 'aquele que está alerta em defesa dos outros', representa o guia espiritual, o religioso sempre à frente dos fiéis. Simboliza a longevidade, a fidelidade exemplar, no oriente, mas, no ocidente, é símbolo de tolice e falta de jeito.

7) *Mioto* não se manteve no português atual, significa 'ave de rapina' em latim e corresponde às formas atuais *milhafre*, *milhano*. *Milhano* tem sua origem na forma *milione*, por palatalização. Essa forma significa os maus pregadores, os que enganam através de palavras doces e mansas. A simbologia refere-se a *milhafre* ou

milhano como sendo um pássaro vulgar e falante. É, também, símbolo da clarividência.

8) *Andorinha* significa os penitentes, os que fogem às tentações do mundo, é exemplo de esperança firme e bem fundada. Tem étimo em *harundina* (de *hīrūdō*), por influência do verbo andar, com expansão nasal, aférese, hipérese, assimilação e palatalização. Resultou no português atual *andorinha*. Tem valor simbólico de fecundidade, renovação, renúncia, solidão, separação.

9) *Cegonha* resulta, no português atual *cegonha*, por meio de palatalização, sonorização, assimilação vocálica e crase dos fonemas vocálicos idênticos, a partir da forma latina *cīcōniā*. O significado da ave não pode ser apreendido pela fragmentação do texto, mas, no português atual, refere-se à 'ave migratória e pernalta'. Mantém o valor simbólico de ave de bom agouro, de piedade filial, de longevidade e de Cristo.

10) A forma latina *pāssēr* resulta, no latim vulgar, na forma *passaru*, da qual surge *pássaro*. Significa, no Livro das Aves, 'o herege', 'o infiel', 'a inconstância da mente', 'os homens errantes e inconstantes'. Mas a alma pode assemelhar-se ao *passaro* quando usa de astúcia e evita as armadilhas do caminho. De maneira geral, pássaro simboliza a alma que se liberta do corpo e os estados espirituais.

11) *Noytívoo*, ao considerar a etimologia *nocti* + *volō*, por processos fonéticos, como a vocalização, síncope, crase, dá origem à forma *noitibó*, que significa, no português atual, *bacurau*. Pelo estado fragmentado do texto, não foi possível depreender o valor semântico da ave, sabe-se que é uma ave noturna. Não há registros de simbolismo referente ao *noitibó*.

12) Do latim *pāvōnēm*, por meio da síncope, assimilação, crase, apócope, tem-se a forma *pavão*, que significa, no Livro das Aves, 'os pregadores do evangelho

que apelam aos homens o abandono dos prazeres mundanos'. No português atual, refere-se à ave com bela cauda. Tem simbologia solar pelo desdobramento da cauda em forma de roda. É símbolo da beleza e do poder da transmutação, da imortalidade. Simboliza, também, a paz e a prosperidade.

13) *Agūya* significa, no texto, 'o Cristo', 'a inteligência dos santos', 'representa o homem bom e de grande entendimento', 'o justo'. Significa, hoje, 'ave de rapina', notável pelo tamanho e vigor. De *āquīlā*, por meio de síncope, sonorização, resultou águia. Simboliza o domínio e o poder, os estados espirituais superiores e transcendentos. É símbolo da percepção direta da luz intelectual.

Ao considerar-se a língua como um sistema simbólico, a representação simbólico-religiosa que cada ave possuía pôde ser explorada, considerando as influências sociais, históricas, filosóficas e religiosas. De maneira geral, verificou-se que itens lexicais se alteraram no continuum do tempo, às vezes com formas estabilizadas na diacronia, outras vezes apresentando novas formas, mas, na maioria das ocorrências, mantendo o mesmo conteúdo.

No eixo sincrônico-diacrônico, as mudanças ocorreram muito mais no plano fonético-fonológico e morfológico, embora se pudesse verificar, no que se refere às mudanças semânticas, que estas estão assentadas no plano simbólico assumido pelas aves, de acordo com o valor cultural e religioso da época.

Corroborar-se a idéia de que, pela dinamicidade da língua e pelos processos de mudança a que os termos analisados foram submetidos, que a variação em terminologia é um fato de língua que pode ser estudado considerando o eixo sincrônico – diacrônico e vice – versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Cia. Melhoramentos : Brasília-DF: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

BORBA, F.S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. S.Paulo: Editora Ática, 2002.

BUENO, F. da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Edição Saraiva, 1967.

_____. *Grande dicionário etimológico – prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1968.

CHAMBEL, Pedro A. De S., *Os animais na literatura clerical portuguesa dos séculos XIII e XIV – Presença e funções*. Tese de doutoramento, UNL, Lisboa, 2003.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain – *Dicionário de símbolos : (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*, 18 ed. , Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

_____. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

CUNHA, Antônio G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico -religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O sagrado e o profano – A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1956.

FARACO, C. A. *Lingüística histórica – uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino - português*. 4 ed., Rio de Janeiro: MEC:FAE, 1985.

FAULSTICH, Enilde. “*Base para pesquisa em Socioterminologia: termo e variação.*”
Brasília, Centro Lexterm, 1995.

_____ “*Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua*”. Conferência apresentada no VI Simpósio da Riterm, 1998a.

_____ “*Variação terminológica. Algumas tendências no português do Brasil.*” Cicle de conférences 96/97. In *Lèxic, corpus i diccionaris*. Barcelona, IULA, 1998b. pp.141-154.

_____ “*Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie*”.
In *Terminology*. John Benjamins Publishing Co., v.5, n.1, 1998/1999, pp. 93-106.

_____ “*Princípios formais e funcionais de variação em terminologia*”.
Seminário de Terminologia Teórica, Barcelona, 1999.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua Portuguesa*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GONÇALVES, M^a Isabel R. *Livro das Aves*. Lisboa: Ed. Colibri, 1999.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1966.

NEVES, M^a H. de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*.
São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 3 ed., Lisboa:
Livros Horizonte Ltda., 5 volumes, 1987.

MELČUK, Igor A., CLAS, André, POLGUÈRE, Alain, *Introduction à la Lexicologie Explicative et Combinatoire*. Belgium: Ducolot S.A., 1995.

MOLLICA, M^a Cecília, BRAGA, M^a Luiza.(orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MATTOS E SILVA, R.V. *O Português Arcaico – Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001a.

_____ *O Português Arcaico – Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2001b.

_____ *Estruturas Trecentistas – Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

ISIDRO PEREIRA, S.J, *Dicionário grego-português e português-grego*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

ROSSI, N., MOTA, J., MATOS, R.V., SAMPAIO, V. *Livro das Aves*. Rio de Janeiro: INL, 1965.

SARAIVA, F.R.S. *Dicionário Latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SEQUEIRA, F.J.Martins. *Aspectos do português arcaico*. Lisboa: Tip. União Gráfica, 1943.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

_____ *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: MED/Casa de Rui Barbosa, 1956.

WILLIAMS, Edwin B. *Do Latim ao Português – Fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*, 3^a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

ULLMANN, Stephen. *Semântica - Uma Introdução à Ciência do Significado*. Trad. de J.A.Osório Mateus 4^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.